

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E
TRANSDISCIPLINARES DA INCLUSÃO: ESTUDO DE
CASO DO CENTRO DE EQUOTERAPIA
IMPLANTADO NO INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUDESTE DE MINAS - CAMPUS BARBACENA.**

JORGE LUIZ BAUMGRATZ

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ

INSTITUTO DE AGRONOMIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E TRANSDISCIPLINARES DA INCLUSÃO:
ESTUDO DE CASO DO CENTRO DE EQUOTERAPIA IMPLANTADO NO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUDESTE
DE MINAS - CAMPUS BARBACENA.**

JORGE LUIZ BAUMGRATZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Fernando Queiroz Almeida e da Professora Sandra Barros Sanchez.

**Seropédica, RJ.
Outubro, 2010**

307.7208151

B348r

T

Baumgratz, Jorge Luiz, 1957-

As representações sociais e transdisciplinares da inclusão : estudo de caso do Centro de Equoterapia implantado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do sudeste de Minas - campus Barbacena / Jorge Luiz Baumgratz - 2010.

61 f.

Orientador: Sandra Barros Sanchez.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 48-52

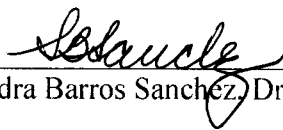
1. Sociologia rural - Minas Gerais - Teses. 2. Ensino agrícola - Minas Gerais - Teses. 3. Inclusão social - Teses. I. Sanchez, Sandra Barros, 1963-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

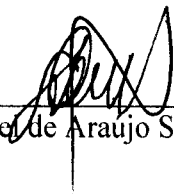
JORGE LUIZ BAUMGRANTZ

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

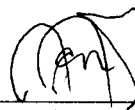
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14 de dezembro de 2010.



Sandra Barros Sanchez, Dra. UFRRJ



Gabriel de Araujo Santos, Dr. UFRRJ



Orlando Marcelo Vendramine, Dr. UFV

À minha família e, especialmente, à minha esposa Teresa Cristina, às minhas filhas Ana Paula e Mariana, e à minha neta Maria Clara pelo amor e pela presença essenciais em minha vida.



Partilhar é o gesto sem cálculo de duas mãos
abertas que não sabem mais se dão ou recebem.

18/03/2010

D. Etchegaray

AGRADECIMENTOS

À Instituição IF Sudeste MG, pela confiança em mim depositada e por me possibilitar a liberdade que me impulsionou para novos caminhos do conhecimento.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, participaram deste projeto e colaboraram para sua consecução, com estímulo e disponibilidade, indicando diretrizes precisas e consistentes para minha fundamentação teórica e crescimento profissional.



Eu vi uma criança que não podia andar e, sobre um cavalo, cavalgava por prados floridos que não conhecia.

Eu vi uma criança sem força em seus braços. Sobre um cavalo, o conduzia por lugares nunca imaginados.



Eu vi uma criança que não podia enxergar. Sobre um cavalo, galopava rindo do meu espanto, com o vento em seu rosto.

Eu vi uma criança renascer, tomar em suas mãos as rédeas da vida e, sem poder falar, com seu sorriso dizer:

Obrigado Deus, por me mostrar o caminho.

(John Anthony Davie)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Aquarela de Debret.....	22
Figura 2: Configuração do Complexo do Agronegócio Cavalo.....	26
Figura 3: Imagem de Satélite (29/03/2006).....	28
Figura 4: Local escolhido para o Núcleo de Equoterapia.....	29
Figura 5: Obras para a construção das Pistas.....	30
Figura 6: Terraplanagem para a construção das Pistas.....	30
Figura 7: Vista do Centro de Equoterapia.....	31
Figura 8: Encontros e palestras proferidas pelo autor.....	32
Figura 9: Vista da construção do “Coliseu”	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados estatísticos - Equinos no Brasil (Cabeças).....	26
Quadro 2 - Crescimento do atendimento equoterápico.....	33
Quadro 3: Organograma funcional do Centro Equoterápico.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Evolução do número de praticantes de equoterapia.....	17
Gráfico 2: Interesse em estagiar no Centro Equoterápico.....	44
Gráfico 3: Evolução do praticante frente à equoterapia.....	46
Gráfico 4: Avaliação da Equipe Multidisciplinar.....	46
Gráfico 5: Convivência Praticantes/Alunos.....	47
Gráfico 6: Obtenção de Informações sobre a equoterapia.....	48
Gráfico 7: Como ficou sabendo da equoterapia no IF Sudeste MG.....	49
Gráfico 8: Espaço físico ocupado pelo Centro de Equoterapia.....	51
Gráfico 9: Contribuição para a implantação do Centro de Equoterapia.....	54
Gráfico 10: Voluntariado para o Projeto de Equoterapia.....	55

RESUMO

BAUMGRATZ, Jorge Luiz. **As Representações Sociais e Transdisciplinares da Inclusão: Estudo de Caso do Centro de Equoterapia implantado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas - Campus Barbacena.** 2010, 78p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2010.

A educação profissional e o dever de incluir supõem considerações que extrapolam a simples inovação educacional e que implica o reconhecimento de que o outro é sempre e implacavelmente diferente, pois a diferença é o que existe, a igualdade é inventada e a valorização das diferenças impulsiona o progresso educacional. A relevância deste trabalho é a de contribuir para a atual discussão sobre a utilização da equoterapia como ferramenta de apoio, em suas linhas de atuação e suas clientela. O trabalho se justifica por entender que a equoterapia é uma opção promissora para os técnicos formados pelo IF Sudeste MG, considerando que as adequações aos requisitos da terapia precisam de conhecimentos de equinocultura. Objetivou, portanto, formar profissionais técnicos visando à integração em equipes multiprofissionais nos centros de equoterapia, valendo-se das experiências e constatações resultantes das práticas de ensino no Instituto Federal de Educação Tecnológica Sudeste de Minas - Campus Barbacena. Trata-se de um estudo descritivo que visa identificar as representações sociais e o perfil do grupo pesquisado, através de dados e fatos colhidos da própria realidade e pesquisa bibliográfica. A amostragem constituiu-se de 60 alunos do terceiro ano do curso Agropecuária integrado ao Ensino Médio, 70 professores, 100 servidores, bem como a comunidade externa composta pelos pais ou responsáveis pelos praticantes. Para tanto, foram aplicados questionários semiestruturados aos alunos, professores, servidores e comunidade. A partir dos resultados obtidos, avaliaram-se as possibilidades e benefícios da implantação definitiva do Centro de Equoterapia, visando à qualificação profissional dos futuros técnicos, ampliando o universo de trabalho. Concluiu-se, após os resultados positivos, que o Centro de Equoterapia tem proporcionado espaço para o trabalho de pesquisa das áreas de saúde e educação. Houve um ganho para as universidades da região, no que tange às oportunidades para capacitação profissional, incluindo estágios para os estudantes da área de saúde, como fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, educação física, enfermagem, nutrição e outras. Portanto, a tríade pesquisa/ensino/extensão foi plenamente atendida.

Palavras-chave: Educação Agrícola; Equoterapia; Inclusão Social.

ABSTRACT

BAUMGRATZ, Jorge Luiz. **Social Representations and Transdisciplinary Inclusion: Hippotherapy Center Case Study deployed at the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas - Campus Barbacena.** 2010, 78p. Dissertation (Masters in Agricultural Education) Agronomy Institute. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2010.

The professional education and include responsibility considerations that go beyond simple educational innovation which leads to other recognition are always and relentlessly different, the difference is that there equality is invented and differences appreciation efforts the educational progress. The relevance of this work contributes to current discussion on the Hippotherapy use as a support tool in their performance and clientele lines. The work is justified by understanding that Hippotherapy is a promising option for technicians trained by IFSUESTEMG whereas adaptations to the therapy requirements, need equine breeding knowledge, therefore, aimed to technical professionals seeking to integrate into multidisciplinary Hippotherapy Center teams, drawing on the experiences and findings resulting from the teaching practices at the Technological Education Federal Institute. This is a descriptive study to identify social representations and research group profile, using data and facts gathered from literature and their own reality. Our sample consisted in 60 students Integrated Agricultural High School, third year, 70 teachers, 100 servers and external community composed by practitioner's parents. Therefore, semi-structured questionnaires were applied to students, teachers, servers and community. Since the results, evaluating the possibilities and advantages for the Hippotherapy Center definitive establishment, aimed at the future technicians professional qualification, expanding the universe work. Conclude, after the positive results, that Hippotherapy Center has provided space for research in Health and Education Areas work, there was a gain to universities region, with respect to professional training opportunities, including residencies on Health as Physical Therapy, Phonotherapy, Psychology, Occupational Therapy, Physical Education, Nursing, Nutrition, and others. Therefore, the triad Research / Teaching / Extension has been fully met.

Keywords: Agrarian Education; Hippotherapy; Social Inclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Justificativa.....	2
1.2 Objetivos.....	5
1.2.1 <i>Geral</i>	5
1.2.2 <i>Específicos</i>	5
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	6
2.1 Educação inclusiva.....	6
2.2 As representações sociais	11
2.3 Inclusão Social de Portadores de Necessidades Especiais.....	14
2.4 A equoterapia.....	16
2.4.1 <i>A origem do cavalo</i>	21
2.4.2 <i>O cavalo no Brasil</i>	22
2.4.3 <i>A importância econômica dos equídeos</i>	24
2.5 O surgimento do Centro de Equoterapia no IF Sudeste MG – Campus Barbacena	27
2.5.1 <i>Breve histórico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia</i>	37
2.5.2 <i>A formação profissional no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia</i>	38
3 METODOLOGIA.....	40
3.1 Tipo de pesquisa.....	40
3.1.1 <i>Quanto aos fins</i>	40
3.1.2 <i>Quanto aos meios</i>	41
3.2 Amostra.....	41
3.3 Coleta de dados.....	41
3.4 Tratamento dos dados.....	42
3.5 Limitações do método.....	42
3.6 Além das limitações.....	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	43
4.1 Dados do questionário destinados aos alunos do IF Sudeste MG	43
4.2 Dados do questionário destinados aos responsáveis pelos praticantes.....	45
4.3 Dados do questionário destinados aos professores do IF Sudeste MG	50
4.4 Dados do questionário destinado aos funcionários do IF Sudeste MG	53
4.5 Correlação do universo pesquisado.....	55
4.5.1 <i>Sugestões para ampliação da equoterapia nas demais Instituições</i>	58
5 CONCLUSÃO.....	61
6 REFERÊNCIAS.....	62
ANEXOS.....	67

1 INTRODUÇÃO

Uma educação seletiva valoriza mais a capacidade do que os processos; os agrupamentos homogêneos do que os heterogêneos; a competitividade do que a cooperação; o individualismo do que a aprendizagem solidária; os modelos fechados, rígidos e inflexíveis do que os projetos educativos abertos, compreensivos e transformadores; apoia-se em desenvolver habilidades e destrezas, e não conteúdos culturais e vivenciais como instrumentos para adquirir e desenvolver estratégias que lhes permitam resolver os problemas da vida cotidiana. Este modelo baseado no déficit destaca mais o que o deficiente não sabe fazer do que aquilo que ele pode realmente fazer. A inclusão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da educação escolar e para o benefício de todos os alunos com e sem necessidades especiais. Depende, contudo, de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações.

Cumprir o dever de incluir supõe considerações que extrapolam a simples inovação educacional e que implicam o reconhecimento de que o outro é sempre e implacavelmente diferente, pois a diferença é o que existe - a igualdade é inventada, enquanto a valorização das diferenças impulsiona o progresso educacional. Entretanto, a lógica positivista é bastante presente e arraigada à educação escolar e à formação de seus profissionais, como uma perspectiva hegemônica, esteio de vida e de homem, e que resiste à velocidade e à emergência de novas possibilidades e disposições compreensivas dos fenômenos humanos e das práticas sociais.

Há uma grande distância entre as disposições paradigmáticas da inclusão e a mentalidade predominante dos professores e das instituições educacionais. A educação inclusiva deve ser vista, portanto, como uma parcela das conquistas de inclusão social, figurando ao lado de definições relativas às políticas de distribuição de renda, de emprego, de moradia, de transporte e, principalmente, de educação.

A educação inclusiva é aquela na qual o modelo educativo subverte essa lógica e pretende, em primeiro lugar, estabelecer ligações cognitivas entre os alunos e o currículo, para que adquiram e desenvolvam estratégias que lhes permitam resolver problemas da vida cotidiana e que lhes preparem para aproveitar as oportunidades que a vida lhes ofereça. Às vezes, essas oportunidades lhes serão dadas, mas, na maioria das vezes, terão que ser construídas e, nessa construção, as pessoas com deficiência têm que participar ativamente.

O direito de participar implica que todos tenham direito a serem assistidos nas escolas de sua comunidade, participando nas atividades com todos os seus companheiros e no currículo comum tanto quanto seja possível. Todos os meninos e meninas têm direito a educarem-se em um contexto comum, que assegure sua futura integração e participação na sociedade. O direito à educação não significa somente acesso a ela, mas também que essa seja de qualidade e garanta que os alunos aprendam. O direito à educação é também o direito de aprender e de desenvolver-se plenamente como pessoa. Para que isso seja possível, é fundamental assegurar a igualdade de oportunidades, em função de suas características e necessidades individuais.

Nesse sentido, um dos métodos terapêutico e educacional desenvolvido nas últimas décadas é a equoterapia, que emprega o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar e tem sido utilizado com resultados satisfatórios nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiências e/ou necessidades especiais.

Portanto, cabe questionar sobre quais os valores que uma equipe multiprofissional deve ter para esclarecer as dúvidas e dar suporte aos portadores de necessidades especiais, bem como se existem pontos a serem elucidados quanto ao agente coadjuvante da terapia, que é o cavalo. A utilização do animal necessita, obrigatoriamente, de um cavaleiro que possa tratá-lo e treiná-lo para essa finalidade e, portanto, que se torne a ferramenta principal do tratamento.

1.1 Justificativa

A inclusão trata de todas as pessoas excluídas da Educação e da sociedade em geral, e não apenas daquelas com necessidades especiais. Enfatiza o potencial do indivíduo, apesar de não negar as suas limitações. É a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, uma sociedade mais justa, mais igualitária e respeitosa, orientada para o acolhimento à diversidade humana e pautada em ações coletivas que visem à equiparação das oportunidades de desenvolvimento das dimensões humanas. Compreendemos que as dificuldades existem, mas se faz necessário mudar o foco do nosso olhar quanto ao conceito

de dificuldades, transformando-as em possibilidades. As pessoas têm habilidades múltiplas que precisam ser trabalhadas e desenvolvidas em um ambiente de respeito à diversidade e às singularidades de cada indivíduo.

De acordo com Perez (2008), a “inclusão escolar” na verdade não deveria ser discutida, mas sim a ideia de pertencimento, de construção e fortalecimento de laços sociais do sujeito. Esse papel deveria ser inerente à escola. O aluno não tem que “ser incluído”. Se a escola possui um bom projeto pedagógico, articulado primeiramente no nível das relações entre seus atores, o sentimento de pertencimento é natural - ao contrário do que preconiza a integração escolar, segundo a qual a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso recai inteiramente sobre o aluno, que deve mostrar-se “apto”, adequar-se ao sistema de ensino. A integração é um processo que pressupõe níveis de inserção no caso dos alunos com necessidades especiais, que deveriam demonstrar competência para fazer parte de uma classe comum.

O que tem sido considerado como “educação inclusiva”, segundo Mittler e Mittler (2001, *apud* PEREZ, 2008, p. 96), é a forma de promover condições de acesso à educação, o respeito à diversidade das necessidades e ao percurso educacional de cada um, de forma que esse tenha qualidade e significado tal que o beneficie na construção de sua autonomia e independência como cidadão. Essa concepção implica transformação de todo o sistema de ensino, da estrutura e da qualidade dos serviços à formação e à construção de um novo perfil do docente e dos demais profissionais envolvidos nesse processo: “A inclusão é um caminho a ser trilhado, mais do que um destino, um processo mais do que um objetivo a ser atingido, compreendendo uma série de características distintas.”

A relevância deste trabalho é a de contribuir para a atual discussão sobre a utilização da equoterapia como ferramenta de apoio, em suas linhas de atuação e suas possíveis clientelas, pois no Brasil o trabalho equoterápico tem sua definição dada pela Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL, como restrito ao atendimento de portadores de necessidades especiais:

Equoterapia é um método terapêutico que utiliza o cavalo, as técnicas de equitação e as práticas equestres, dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de equitação, saúde, educação, buscando a reabilitação e/ou o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência (ANDE, 1998, p. 8).

Pretende-se alcançar uma clientela mais ampla daquela preconizada pela definição da Associação, que apresenta déficits diversos, seja no desenvolvimento afetivo, cognitivo ou social, além de formar profissionais com conhecimento do cavalo, podendo assim utilizar esta ferramenta com segurança e eficiência em ações multidisciplinares para a formação e o cuidado com os praticantes.

Desta forma, busca-se, através deste trabalho, analisar as representações sociais e transdisciplinares da inclusão no Centro de Equoterapia no Instituto Federal de Educação Tecnológica Sudeste de Minas - Campus Barbacena (IF Sudeste MG), bem como as concepções e conceitos sobre o ensino e a formação geral dos alunos da disciplina equinocultura, como oportunidade de atuação em equipes multi, inter e transdisciplinar que utilizam a equoterapia, seguindo-se para uma reflexão da prática educativa realizadas nos dias atuais nas escolas regulares e inclusivas, além de uma abordagem bibliográfica. Portanto, espera-se capacitar profissionais para atuar na elaboração de estratégias e no estabelecimento de formas criativas das atividades de ensino-aprendizagem, bem como prever proativamente as condições necessárias e as alternativas possíveis para o desenvolvimento adequado da educação profissional integrada à educação especial, considerando as peculiaridades, as circunstâncias particulares e as situações contextuais concretas em que programas e projetos deste campo são desenvolvidos.

O trabalho se justifica por entender que a equoterapia é um mercado de trabalho promissor para os técnicos formados pelo IF Sudeste MG, considerando que as adequações aos requisitos da terapia precisam de conhecimentos de equinocultura tais como a doma, manejo, nutrição, reprodução, sanidade e principalmente etologia¹ dos equídeos, integrando-se aos projetos multiprofissionais desenvolvidos pela equoterapia. Nesse sentido, visa capacitar alunos da IF Sudeste MG de acordo com as exigências da ANDE; formar parcerias com instituições que fazem atendimento à criança especial, bem como universidades e órgãos de classe para formação de equipe profissional composta por fisioterapeutas, psicólogos, fonoaudiólogos, veterinários e outros, e para aquisição de materiais de montaria e animais, através de compras e/ou doações para serem utilizadas na prática da equoterapia.

¹ Etologia é a disciplina que estuda o comportamento animal (do Grego ethos = ser profundo, logia = estudo).

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Formar profissionais técnicos visando à integração em equipes multidisciplinares nos centros de equoterapia, valendo-se das experiências e constatações resultantes das práticas de ensino no Instituto Federal de Educação Tecnológica Sudeste de Minas - Campus Barbacena.

1.2.2 Específicos

- Produzir conhecimentos teóricos e práticos de proposta de educação agrotécnica integrada à inclusão social;
- Propiciar espaço físico para a aplicabilidade prática do projeto, além de ofertar tratamento a pessoas com necessidades especiais em situação de carência financeira;
- Contribuir para o desenvolvimento democrático, participativo e socialmente responsável de programas e projetos educacionais, bem como identificar ferramentas que possibilitem o desenvolvimento de estratégias;
- Identificar a integração e convivência da comunidade interna com os praticantes;
- Analisar a importância do Centro de Equoterapia na melhoria da qualidade de vida dos praticantes.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Educação inclusiva

Nas reflexões relativas à educação, estudiosos como Paulo Freire e Humberto Maturana têm contribuído com a defesa de um tipo de intervenção que mereça a dimensão ética como aspecto qualificador. Esse destaque associa-se, necessariamente, à diferença de lugar simbólico e hierárquico ocupado pelos interlocutores do “jogo” que constitui o encontro educativo.

A identificação de diferentes necessidades que caracterizam a vida dos sujeitos da educação exprime-se nas diferentes atribuições conferidas aos mesmos: alunos, professores, gestores, familiares e demais profissionais. Assim, em termos educacionais significa uma educação com igualdade e equidade: uma educação para todos, centrada no aluno e que atenda às necessidades educacionais especiais de todos, desde as diferenças orgânicas e psíquicas às diferenças, culturais, sociais e econômicas.

Os processos de trabalho que os estudantes da educação profissional poderão vir a enfrentar compõem uma totalidade histórica e mais complexa do que a soma das atividades que a constituem. A possibilidade de esses estudantes compreendê-los ao ponto de dominá-los e transformá-los exige que se apropriem dos conceitos científicos que os estruturam.

Para fins curriculares, os saberes científicos, técnicos, operacionais, organizacionais e políticos que estruturam as atividades e as relações de trabalho seriam inter-relacionados com base nas respectivas disciplinas científicas ou escolares, tendo-se os processos de trabalho como horizonte de formação, mas com o objetivo de garantir aos trabalhadores o acesso aos conhecimentos universais historicamente construídos pela humanidade. Isso, muito além de possibilitar a realização de ações técnicas, possibilitaria ações políticas e a construção de novos conhecimentos (RAMOS, 2002).

Ao preconizar o aprender a aprender, consideram-se as rápidas transformações geradas pelo progresso científico e tecnológico, as novas formas de atividade econômica e social e a decorrente necessidade de uma educação geral suficientemente ampla, que possibilite o

aprofundamento numa determinada área de conhecimento. A educação geral fornece as bases para continuar aprendendo ao longo da vida. Ela é de extrema importância para o desenvolvimento de aptidões que possibilitem enfrentar novas situações, privilegiando a aplicação da teoria na prática e enriquecendo a vivência da ciência na tecnologia e destas no social, por seu significado no desenvolvimento da sociedade contemporânea.

A educação inclusiva, para ser uma realidade, necessita de mudanças atitudinais diante da visão que se tem da pessoa com necessidades especiais - aceitar as diferenças simplesmente para se cumprir a lei acaba mascarando o preconceito e impossibilitando o desenvolvimento destes cidadãos de direito. O processo de inclusão visa abrir as portas para uma educação de qualidade que atenda a todos, quebrando o círculo das injustiças que foram submetidas às pessoas com necessidades especiais.

De acordo com Mantoan (2003), para incluir é necessário, primordialmente, melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver na sua plenitude livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Confirma-se, ainda, mais uma razão de ser da inclusão, mais um motivo para que a educação se atualize, para que os professores aperfeiçoem as suas práticas e para que escolas públicas e particulares se abriguem a um reforço de modernização e de reestruturação de suas condições atuais, a fim de responderem às necessidades de cada um de seus alunos e suas especificidades, sem cair nas malhas da educação especial e de suas modalidades de exclusão.

Boaventura Sousa Santos (2009, p.44) menciona a importância de se respeitar a diversidade: "temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize". Não existe igualdade no sistema educacional - o que deve haver é o respeito à singularidade e à diversidade que auxiliará na formação de cidadãos que viveram em sociedade para todos.

De acordo com Antunes e Padilha (2004), viver é conviver, é se relacionar, pois somos seres incompletos e inacabados e necessitamos do outro para nos completar. Esse caráter relacional do ser humano é a grande percepção do humanismo de Paulo Freire. O pensamento de Freire, segundo os autores, remete-nos à ideia de educação inclusiva que aceita as diferenças e respeita a singularidade. Freire acreditava em uma educação cidadã, democrática e para todos, sem qualquer tipo de discriminação.

Para Freire (2005), a educação é resultado de uma construção coletiva que só é possível através da relação com o outro e o respeito às dificuldades encontradas nesta relação.

Ao se deparar com um problema, o ser humano se questiona, questiona outros seres humanos, pesquisa, busca respostas possíveis para solucionar o desafio que está à sua frente, testa suas hipóteses, confirma-as, reformula-as, nega-as, abandona-as, retoma-as etc. Por meio desse movimento, realiza o esforço da aprendizagem para construir o seu saber, relacionando conhecimentos anteriores aos atuais, ampliando, construindo novos conhecimentos, novos saberes. A cada solução, novos problemas se impõem. (ANTUNES e PADILHA, 2004, p. 1)

Segundo Freire (2005), educar é muito mais que meramente transmitir conhecimentos; é transpor o educando para uma situação de descoberta; é levá-lo ao encontro da cidadania.

Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas e por que não dizer também da quase obstinação com o que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e as mulheres, assunto de que saio e que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. (2005, p. 15).

De acordo com Santos (2008), pensar uma escola capaz de atender a todos com qualidade e respeito às diferenças é um desafio a ser superado pela sociedade brasileira. Construir uma cultura de valorização da diversidade exige, de quem ocupa espaços de tomada de decisão, coragem e compromisso. Coragem para enfrentar “verdades cristalizadas” e grupos politicamente edificados sobre o processo de segregação escolar e social da pessoa com deficiência. Compromisso com a implementação dos documentos internacionais ratificados pelo Brasil, relativos ao direito à educação inclusiva. Por fim, contribuir efetivamente para uma profunda transformação social.

A educação nunca esteve tão pautada nos espaços sociais como nesses últimos anos. Os conselhos de defesa de direitos da pessoa com deficiência, juntamente com outros órgãos de promoção de direitos humanos e combate à discriminação, têm realizado conferências municipais, estaduais e nacionais, seminários e fóruns de debates sobre a realidade e os desafios enfrentados por tais cidadãos (SANTOS, 2008).

Desta forma, a equoterapia, como método terapêutico e educacional, pode ser utilizada como meio de se alcançar estimulações das funções cognitivas que representam o processo

pelo qual um organismo recebe informações e as elabora para pautar seu comportamento. O estudo das diferentes fases de desenvolvimento psicomotor permitiu que distinguíssemos três níveis de organização do comportamento: nível sensório-motor; nível da estruturação perceptiva; nível da representação mental que termina na simbolização e na conceptualização.

Estes três níveis correspondem a três modos de tratamento da informação sensorial e estão sob a dependência de centros nervosos diferentes. Ao contrário do que comumente se admite, essa organização, sobretudo em seu nível mais elevado, não se faz de modo espontâneo nas melhores condições.

Uma ajuda trazida à estruturação perceptiva é, pois, essencial para permitir a cada criança a melhor utilização possível de seu potencial genético. Em outras palavras, a inteligência potencial de um indivíduo manter-se-á subempregada se sua educação não lhe der os meios de organizar as informações que lhe chegam do meio circundante e de seu corpo próprio.

Para Piaget *apud* Sisto (1997), o que coordena todo o processo de desenvolvimento cognitivo é o processo de equilibração majorante, consubstanciado em um sistema de autorregulação, que produz as organizações estruturais necessárias para evitar a entropia do sistema e, ao mesmo tempo, dar-lhe uma direção. Sisto (1997) menciona que Piaget não nega que o fenômeno aprendizagem, responsável por mudanças no sistema cognitivo, possa ter esse sistema de autorregulação que, ao mesmo tempo, permite e limita avanços, e que essas organizações teriam um funcionamento lógico-matemático, caracterizado por leis de compensação.

Os trabalhos de Piaget preconizam que, no sistema cognitivo, estariam funcionando integradamente diferentes níveis de desenvolvimento, envolvendo as diferentes áreas de relação do ser cognoscente com o ambiente exógeno, caracterizando um sistema não-linear e assimétrico. O desenvolvimento teria também como função impor um sistema estrutural de funcionamento ao organismo e suas mudanças durante o seu crescimento (SISTO, 1997).

Para Sisto (1997), as aprendizagens ocorrem em meio a cinco grandes áreas, sendo as áreas “perceptiva/atencional, psicomotriz, linguística, sócio/afetiva e a do pensamento lógico”. Consideram que são, através dessas cinco áreas, organizadas e estruturadas as aprendizagens básicas universais. As últimas correspondem às funções superiores como linguagem, processos perceptivos, de atenção e de memória, raciocínio, psicomotricidade,

pensamento lógico e desenvolvimento social, que têm um caráter universal, porque pode ser afirmado que todas as pessoas dependem da aquisição desses tipos de aprendizagens, independentemente da cultura a que pertencem. Por outro lado, deve-se pensar que também é necessário que ocorra o desenvolvimento das aprendizagens básicas instrumentais, que se referem a quatro grandes áreas: linguagem oral, leitura, escrita e matemática/cálculo (SISTO, 1997).

A função motora, o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento afetivo estão intimamente ligados na criança. A relação existente entre a motricidade, a parte cognitiva e a afetividade pode facilitar a abordagem global da criança por meio da equoterapia. Este tipo de terapia, por estar centrada na individualidade de cada praticante, permite que os objetivos de diferentes áreas possam ser alcançados ao mesmo tempo, ou seja, é um método terapêutico através do qual profissionais como o fonoaudiólogo, o fisioterapeuta, o psicólogo, o pedagogo e o terapeuta ocupacional podem atingir objetivos gerais e específicos.

A equoterapia é indicada no tratamento dos mais diversos tipos de comprometimentos motores, como paralisia cerebral, problemas neurológicos, ortopédicos, posturais; mentais, como a Síndrome de Down; sociais, tais como distúrbios de comportamento, autismo, esquizofrenia, psicoses; emocionais, deficiências visual ou auditiva, problemas escolares, tais como distúrbio de atenção, percepção, fala, linguagem, hiperatividade, e pessoas "saudáveis" que tenham problemas de posturas, insônia, *stress*. De acordo com Haddad *et al.* (2005), implica obrigatoriamente ação interdisciplinar, em função da natureza de integração da saúde e educação. Ao andar, o cavalo exige do cavaleiro o ajuste tônico para adaptar seu equilíbrio a cada movimento. Os indivíduos que realizam a equoterapia são chamados de praticantes, isto porque estão agindo sobre o animal e, não só recebendo estímulos do mesmo.

Na equoterapia, a estimulação que vem do ambiente e dos movimentos oscilatórios tridimensionais do cavalo, à qual o praticante está exposto, remete ao mesmo uma sensação totalmente inusitada, fazendo com que a espontaneidade se aflore e o prazer em estar montado em um animal que é superior ao seu tamanho em porte e altura faz com que sua autoestima e autoconfiança aumentem - sendo que alguns praticantes conseguem conduzir o animal. O deambular do cavalo é o mais próximo do caminhar humano, tendo somente 5% de diferença. O movimento rítmico e tridimensional do cavalo, que ao caminhar desloca-se para frente, para trás, para os lados, para cima e para baixo, pode ser comparado com a ação da pelve humana ao andar.

Assim, para uma educação cidadã é necessário que os estudantes percebam as desigualdades de compreensão dos fatos, as posições às vezes contrárias entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções, e a diversidade que forma a raça humana. Esta compreensão dar-se-á com o convívio das diferenças e com o respeito às singularidades, ao ritmo de aprendizagem e desenvolvimento de cada educando.

2.2 As representações sociais

As representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam. Portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. “Sua mediação privilegiada, porém, é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social” (MINAYO, 1995, p. 108).

As representações sociais, segundo Spink (1993), são *estruturas estruturadas* ou *campos socialmente estruturados* porque se referem a um sujeito social, que apresenta sua história pessoal e social, inserido em um determinado grupo e inscrito numa situação social e cultural definida. Da mesma forma, as representações sociais são também *estruturas estruturantes*, capazes de transformar a realidade social, expressando a realidade intraindividual e exteriorizando o afeto. Spink também mostra que “o conhecimento estudado via representações sociais é sempre um conhecimento prático; é sempre uma forma comprometida e/ou negociada de interpretar a realidade”. Neste sentido, “a representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social, pois ele é produto e produtor desta realidade social” (GIORDANO, 2000, p.67-8).

A Teoria das Representações Sociais foi elaborada pelo romeno naturalizado francês Serge Moscovici no final dos anos 1960 na França. Esse autor não desenvolveu sua teoria no vazio cultural. Apoiou-se no trabalho de um dos fundadores da sociologia moderna: Émile Durkheim. Pela sua vinculação estreita com a sociologia, a teoria é classificada como uma forma sociológica de psicologia social.

Assim, o conceito de representação social abrange todo o indivíduo, com toda a sua experiência. É um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado nas experiências do dia-a-dia, bem como pelas informações e modelos de pensamento adquiridos e transmitidos

por meio de nossas ações. De acordo com Moscovici (2003, p. 322), ao tentar compreender o conhecimento do senso comum, é preciso apreender o contexto cultural, histórico e social em que tal conhecimento foi construído. Assim, “quando se estuda o senso comum, o conhecimento popular, nós estamos estudando algo que liga sociedade, ou indivíduos, a sua cultura, sua linguagem, seu mundo familiar”.

As representações sociais são, de acordo com Moscovici (2003), teorias do senso comum que se elaboram coletivamente nas interações sociais, sujeito-sujeito e sujeito-instituição, num determinado tempo, numa cultura e num espaço específico, na tentativa de tornar o estranho familiar e dar conta da realidade. É na interação com o mundo e com os parceiros que o sujeito elabora o conhecimento e vai se socializando, construindo valores e se apropriando das ideias que circulam na sociedade.

As representações sociais têm, portanto, um vínculo com a ação humana. Elas dão sentido ao comportamento, integrando-o numa rede de relações, concorrendo para reconstruir e ressignificar os objetos sociais. Nesse sentido, segundo Jodelet (2001, p.32):

A comunicação é o vetor de transmissão da linguagem, portadora em si mesma de representações. Em seguida, ela incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, à medida que engaja processos de interação social, influência, consenso ou dissenso e polêmica. Finalmente, ela contribui para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes para a vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que explicam, juntamente com o poder performático das palavras e dos discursos, a força com a qual as representações instauram versões da realidade, comuns e partilhadas.

Moscovici (2003) apresenta os movimentos interativos das relações humanas no mundo, sendo que o primeiro configura um conhecimento interdependente onde nada, nem ninguém, é excluído. Os saberes são respeitados. A comunicação, os discursos sustentam o sentido das inter-relações na ampla diversidade cultural. O segundo é enquadrado na lógica da competência. O que difere um saber do outro é a funcionalidade. Assim, a ciência estaria diretamente voltada para o universo reificado² e as representações sociais tratariam dos universos consensuais para os grupos.

² Representar o ser humano como objeto físico privado de qualidades pessoais ou de individualidade. Segundo Ferreira (2004), “no processo de alienação, o memento em que a característica de ser de uma “coisa” se trona típica da realidade objetiva”.

O reconhecimento da necessidade de uma sociedade inclusiva, segundo Martínez (2006, p.1), supõe o reconhecimento do fenômeno de exclusão social como característico da sociedade contemporânea, como tem sido salientado por diversos autores; exclusão que se expressa em todos os campos fundamentais da atividade humana, entre eles o campo da educação.

A designação genérica de portadores de necessidades especiais, por uma análise enunciativa, indica diferentes sentidos de sujeito. Entre esses sentidos, o de sujeito deficiente. Segundo Marquezan (2008, p. 470), isso não quer dizer que o sujeito deficiente não signifique e não tenha um lugar para de lá significar. Observemos a Lei n. 4.24/61 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 88 e 89:

Art. 88. A educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade.

Art. 89. Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos Conselhos Estaduais de Educação, e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções.

O enunciado “educação de excepcionais” está inscrito numa formação discursiva constituída por uma conjuntura política e ideológica de legitimação moral, social e humanização da educação, e aponta para a direção de um sujeito, o sujeito deficiente. A expressão ganha o sentido nesta formação discursiva em que é produzida - é aí que o *indivíduo* é interpelado em sujeito do discurso (MARQUEZAN, 2008).

Segundo Marquezan (2008, p.472):

A nomeação do sujeito deficiente como “pessoa portadora de deficiência” é realizada pela Constituição de 1988. Ela consagra uma nomeação corrente na época: “portador de deficiência” ou simplesmente “deficiente”. A associação do substantivo pessoa ao adjunto adnominal portadora de deficiência destaca o propósito de o texto constitucional tentar marcar o caráter humano e digno do sujeito deficiente. Há nessa nomeação, considerando as condições de produção, uma movimentação do sentido e do sujeito deficiente.

A referência ao sujeito deficiente como a pessoa, de acordo com Oliveira (2002, p.46), parece possuir o desejo de incluí-lo no espaço da cidadania como capaz de um comportamento “decente e ordeiro”, o que produz a supressão do sentido que o desqualifica

como incapacitado para o exercício dos direitos e deveres. Isso foi possível porque as condições de produção da Constituição Federal se fizeram em clima de abertura, ou seja, num momento histórico da afirmação da cidadania que permitiu alargar as conquistas sociais. Essa tentativa de inclusão que a palavra *pessoa* carrega no discurso da Constituição de 1988 esbarra no termo seguinte da designação “portadora”. A palavra “portador” se vincula à linguagem médica, na sua acepção sanitarista, e tem o sentido de portar ou conduzir, trazer consigo ou em si; que hospeda e transmite algo nocivo; que pode contagiar. Com esse efeito de sentido, a designação “portadora” atualiza uma memória associada à doença, à dor, ao sofrimento, à rejeição, à morte. Em “portadora de deficiência”, a designação “deficiência” é tomada pelo sentido de portadora, ou seja, de contagiosa. Dessa forma, o discurso legal conduz/mantém a rejeição/exclusão do sujeito deficiente na/pela sociedade (MARQUEZAN, 2008).

A redução da produção científica sobre inclusão parece ser decorrente, segundo Barbosa e Moreira (2009, p. 347), por um lado, de avanços no processo de inclusão escolar nos países desenvolvidos e, por outro lado, de uma concepção de educação inclusiva que não aborda de forma diferenciada as necessidades educacionais especiais. Ou seja, não coloca em foco um ou outro grupo de alunos - com deficiência, superdotados, dentre outros -, pois uma escola só é efetivamente inclusiva se ela for capaz de acolher e promover a permanência e o sucesso de todos os estudantes. Os autores reforçam que Barbosa, Resgala e Moreira (2006) também constaram que um tema relacionado à inclusão, mais precisamente a formação de professores, perdeu espaço na comunidade científica nos últimos anos. Os autores também verificaram a tendência de se abordar as necessidades educacionais de uma forma geral, sem adotar uma classificação médica/psicológica e/ou pedagógica delas.

2.3 Inclusão social de portadores de necessidades especiais

A terminologia “necessidades especiais”, segundo Mittler (2003, p. 32), sobreviveu tanto tempo porque não é fácil encontrar um substituto aceitável para ela e também porque está incorporada à legislação.

Vigotski (1997, *apud* LEONARDO, BRAY e ROSSATO, 2009) vê potencialidade e capacidade nas pessoas com deficiência, mas entende que, para estas poderem desenvolvê-las, devem ser-lhes oferecidas condições materiais e instrumentais adequadas. Para o autor, não é a deficiência em si, no que tange ao seu aspecto biológico, que atua por si mesma, e sim o conjunto de relações que o indivíduo estabelece com o outro e com a sociedade, por conta de tal deficiência. Com isso, deve-se oferecer a tais pessoas condições que lhes oportunize a apropriação da cultura socialmente construída, para melhores possibilidades de desenvolvimento.

Falar então do desenvolvimento do processo de simbolização implica falar de desenvolvimento do processo de operação com signos. Explicando este processo, Vigotski (1998, p. 51) diz que “a criança não deduz, de forma súbita e irrevogável, a relação entre o signo e o método de usá-lo”. A atividade de utilização de signos surge em um processo de desenvolvimento de operações nas quais ocorrem transformações qualitativas.

Segundo Abenhaim (2005), incluir de fato significa mais do que apenas possibilitar o acesso e a permanência no mesmo espaço físico. Significa um novo paradigma no marco conceitual e ideológico, o qual precisa envolver políticas, programas, serviços e a comunidade em geral. Assim, conforme a autora, incluir implica ações que envolvam a luta pela conscientização do direito à cidadania como pré-requisito fundamental para uma reflexão crítica em torno dos conhecimentos, informações e sentimentos em relação às pessoas com deficiência.

Facilitar a inclusão envolve o trabalho criativo com esse estado de elevação da consciência, redirecionando a energia estreitamente relacionada ao medo para a resolução de problemas que promova a reconsideração dos limites, dos relacionamentos, das estruturas e dos benefícios. De acordo com O'Brien e O'Brien (1999, p. 48), quando esse redirecionamento fracassa, as pessoas com deficiência permanecem de fora, ou andam à deriva. Quando esse redirecionamento dá certo, a vida de um grupo modifica-se, de maneira surpreendentemente tranquila, e abre espaço para novos relacionamentos e novas estruturas.

A natureza e o meio ambiente não agem de modo independente para dar forma ao desenvolvimento de cada criança. Segundo Bee (2003, p. 41), existe a necessidade de determinadas experiências ambientais para desencadear um desenvolvimento maturacional específico. Somado a isso, é possível que a interação entre natureza e meio ambiente varie de

uma criança para outra - em especial, o mesmo ambiente pode ter efeitos diferentes sobre crianças nascidas com características diferentes.

Deve-se concordar com Piaget (1982) quando diz que o comportamento dos seres vivos não é inato, nem resultado de condicionamentos. Para ele, o comportamento é construído numa interação entre o meio e o indivíduo. Esta teoria epistemológica (*epistemo* = conhecimento; e *logia* = estudo) é caracterizada como interacionista. A inteligência do indivíduo, como adaptação a situações novas, portanto, está relacionada com a complexidade desta interação do indivíduo com o meio. Em outras palavras, quanto mais complexa for a interação, mais “*inteligente*” será o indivíduo. As teorias piagetianas abrem campo de estudo não somente para a psicologia do desenvolvimento, mas também para a sociologia e para a antropologia, além de permitir que os pedagogos tracem uma metodologia baseada em suas descobertas.

2.4 A equoterapia

O cavalo é utilizado como recurso terapêutico no tratamento de portadores de dificuldades nas áreas cognitiva, psicomotora e sócio afetiva. Isto é feito através da equoterapia, que é definida pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDEBRASIL, 2005) como sendo:

Um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais. Ela emprega o cavalo como agente promotor de ganhos físicos, psicológicos e educacionais. Esta atividade exige a participação do corpo inteiro, contribuindo, assim para o desenvolvimento da força, tônus muscular, flexibilidade relaxamento, conscientização do próprio corpo e aperfeiçoamento da coordenação motora e do equilíbrio. A interação com o cavalo, incluindo os primeiros contatos, o ato de montar e o manuseio final, desenvolve novas formas de socialização autoconfiança e autoestima.

A equoterapia é indicada no tratamento dos mais diversos tipos de comprometimentos motores, mentais, sociais e emocionais. A extensa lista de indicações inclui, entre outras: acidente vascular encefálico, atraso no desenvolvimento neuro-psicomotor, autismo, comprometimentos emocionais, deficiência auditiva e visual, depressão, dificuldades da aprendizagem ou linguagem e disfunção na integração sensorial, distúrbio de atenção, distúrbios do comportamento, esclerose múltipla, esquizofrenia, hiperatividade, insônia, lesão

medular, problemas ortopédicos, paralisia cerebral, problemas posturais, síndrome do X-frágil, síndrome de Down, estresse e traumatismo crânio-encefálico.

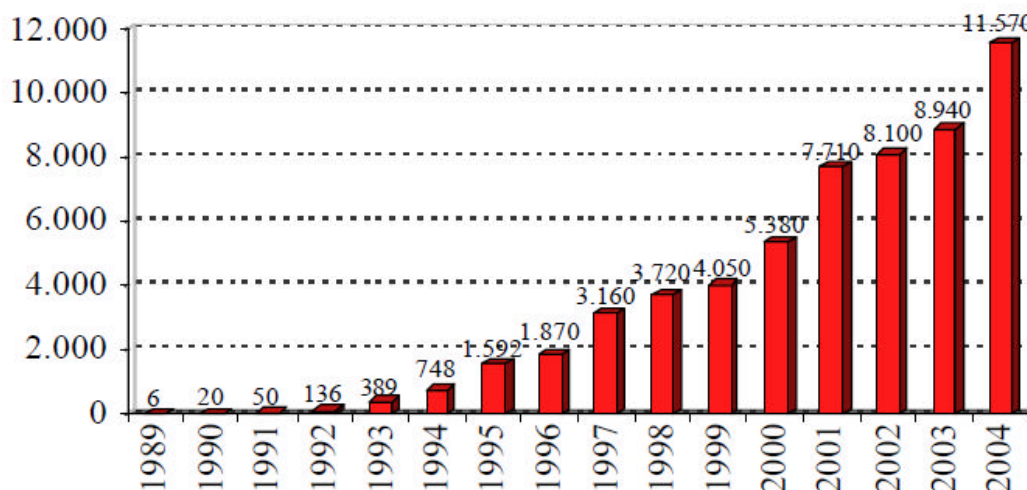


Gráfico 1: Evolução do número de praticantes de equoterapia
Fonte: ANDE-BRASIL, 2005

Com a evolução da tão falada globalização, o homem aprimorou seus conhecimentos e introduziu no mundo da medicina humana o tratamento com a utilização do cavalo como instrumento de terapia, a equoterapia. Esse método já é bem conhecido e muito aceito nos mais diversos tratamentos, pois o cavalo faz o ser humano articular, contrair e movimentar toda a musculatura simultaneamente, e isso traz excelentes resultados para o desenvolvimento da coordenação motora dos praticantes, em especial àquelas portadoras de qualquer tipo de deficiência.

A origem desse método denominado equoterapia, segundo Horne e Cirillo (2007), é, sem dúvida, curiosa, mas não se têm dados sobre o marco inicial da técnica. Através de pesquisas para este trabalho, pôde-se observar que, entre 458 e 370 a.C., Hipócrates utilizava o cavalo com o intuito de curar a saúde de seus pacientes através do animal, além de afirmar que a equitação praticada ao ar livre faz com que os músculos melhorem o seu tônus. Nessa época, sabia-se que essa prática beneficiava o homem, mas os motivos eram obscuros porque não existia nenhum estudo para desvendar tamanho mistério.

Em 1569, Merkurialis concluiu que a equitação exercitava o corpo e, portanto, não detém uma posição secundária entre os exercícios e ginásticas, pois exercita não somente o corpo, mas também os sentidos, já fazendo menção aos tipos de andadura do cavalo.

Na metade do século XX, uma jovem de apenas 16 anos foi acometida por uma forma de poliomielite, deixando-a inválida por muito tempo. Como praticava equitação antes da patologia, mesmo contrariando a todos, continuou a praticá-la. Oito anos mais tarde, nas Olimpíadas de Helsinque, conquistou medalha de prata em adestramento, causando grande repercussão, sendo a façanha repetida nas Olimpíadas de Melbourne, em 1956, despertando a atenção da classe médica para o início dos estudos sobre o método. A partir de 1965, a equoterapia tornou-se uma matéria didática, sendo que, em 1969, foi apresentado o primeiro trabalho científico na França. Em 1972, foi feita a defesa da primeira tese de doutorado de medicina em reeducação equestre, na Universidade de Paris.

No Brasil, a partir do ano de 1988, houve o aprofundamento dos estudos sobre equoterapia. Após retornarem de viagem de estudos à Europa, Lélío de Castro Cirillo e sua equipe criaram, em 1989, a ANDE-BRASIL, tornando-se entidade máxima da prática dessa terapia em nosso país.

De acordo com Ferrucci (2005), Teresa Isoni, vice-presidente da Associação Nacional de Equoterapia, desenvolveu um estudo o qual mostra que o cavalo é responsável por melhorar o equilíbrio estático e dinâmico do homem, proporcionando um enrijecimento muscular, além de elevar a autoestima e a autoconfiança do praticante.

É de fundamental importância a escolha do animal, por ser este o instrumento terapêutico utilizado na prática da equoterapia. Faz-se necessário priorizar algumas características durante a escolha do animal, tais como: o andamento deve ser o trote; macho castrado, por este não sofrer influências hormonais que possam criar situações de risco e de difícil controle durante a sessão; idade acima dos dez anos, por ser um cavalo maduro e calmo; altura ideal, não ultrapassando 1,50 metros, com objetivo de facilitar o acesso do terapeuta ao praticante; bons aprumos, boa índole, resultando em um cavalo dócil e de fácil manejo. Verifica-se, com isso, que não existe raça ideal, e sim características específicas (MEDEIROS; DIAS, 2002).

Segundo Wickert (1999), o cavalo possui três andaduras instintivas, que são: o passo, o trote e galope. O trote e o galope são andaduras saltadas, isto é, entre um lance e outro, seja trote ou de galope, o cavalo executa um salto - existe um tempo de suspensão em que ele não toca com seus membros no solo. Em consequência, seu esforço é maior, seus movimentos mais rápidos e mais bruscos, e quando ele retorna ao solo, exige do praticante mais força para

se segurar e maior desenvolvimento para acompanhar os movimentos do cavalo. Por isso, essas andaduras só podem ser utilizadas em equoterapia com praticantes em estágio mais avançado. O passo, por suas características, é a andadura básica da equitação, e é com esta andadura que é executada a maioria dos trabalhos em equoterapia.

O passo se caracteriza por: a) uma andadura rolada ou marchada, isto é, sempre existe um ou mais membros em contato com o solo, não possuindo tempo de suspensão; b) uma andadura ritmada: cadenciada, a quatro tempos, isto é, ela se produz sempre no mesmo ritmo e na mesma cadência, e se ouvem quatro batidas distintas, nítidas e compassadas, que correspondem ao pousar de cada membro do animal; c) uma andadura simétrica: isto quer dizer que todos os movimentos produzidos de um lado do animal se reproduzem de forma igual e simétrica do outro lado, em relação ao seu eixo longitudinal; d) a andadura mais lenta: em consequência, as reações que por ela se produz são mais lentas e mais fracas, resultando em menores reações sobre o cavaleiro, e mais duradouras, permitindo uma melhor observação e análise por parte da equipe de trabalho; e, e) produzir no cavalo e transmitir ao praticante uma série de movimentos sequenciados e simultâneos que têm como resultante um movimento para cima e para baixo; no plano horizontal, em um movimento para direita e para a esquerda, segundo o eixo transversal do cavalo; em um movimento para frente e para trás, segundo o seu eixo longitudinal. A série de movimentos é completada com pequena torção da bacia do praticante, que é provocada pelas inflexões laterais do dorso do animal (WICKERT, 1999).

Os conhecimentos da etologia são fundamentais para todos os envolvidos com a equoterapia. As reações dos animais, bem como suas manifestações físicas devem ser observadas sob a visão etológica. No IF Sudeste MG, os animais são mantidos em grupo, soltos em pastos com área de 10 ha, preservando seus instintos e facilitando o relacionamento com os profissionais da equipe.

O animal só contraria as leis de sua natureza quando é forçado pelo ambiente ou pelo homem. Segundo Cezarim (2007), o comportamento de um animal é determinado pelas particularidades de construção do seu organismo e está intimamente relacionado com a capacidade funcional do sistema nervoso, do desempenho dos diversos sistemas e, com isso, as particularidades comportamentais ligadas à espécie são determinadas, em grande parte, pela genética, podendo ser modificadas, até certo grau, pelo ambiente.

Face à sua inter-relação com o ser humano, os equinos ficam sujeitos aos caprichos do homem que, alterando o seu habitat e o modo de viver, acaba por provocar alterações comportamentais que muitas vezes são irreversíveis. Estas modificações podem ocorrer por causas psicológicas, fisiológicas e como consequência da seleção genética. As principais características sensitivas e psicológicas do cavalo, que coordenam basicamente as suas atitudes, são o instinto gregário, a necessidade de segurança, o instinto de seguimento, o amor à rotina, a excitabilidade e a coragem. Quanto ao temperamento, os cavalos podem ser classificados em sanguíneos ou linfáticos, sendo os primeiros enérgicos e os últimos por vezes extremamente calmos (CEZARIM, 2007).

Ainda de acordo com Cezarim (2007), certas atitudes do equino revelam seu ânimo, desnudam seu estado e intenção. Suas orelhas, por exemplo, se estão displicentemente caídas para os lados, revelam enfadamento e desinteresse pelo ambiente que o cerca. Da mesma forma, apontadas horizontalmente para trás, denunciam animosidade e agressão; empinadas para o alto quando trabalhando, atestam atenção e segurança naquilo que estão executando.

Assim, a equipe deve estar atenta aos sinais de mudanças comportamentais mostradas pelas orelhas dos eqüinos, pois o sentido de audição, muito desenvolvido, é sensível aos ruídos externos, como, por exemplo, a voz de comando do equitador, que deve ser firme, servindo para acalmá-los e comandá-los. Vale lembrar que o tom da voz representa 40% da comunicação com os cavalos, sendo os 60% restantes por ações gestuais.

Quanto à visão, o cavalo é muito sensível a um objeto se deslocando ao longe, ainda que o objeto móvel esteja em posição frontal, lateral ou em sua retaguarda. Sua conformação permite até mesmo a ampliação dos movimentos que ocorrem no limite do seu campo visual, sendo a fuga um reflexo defensivo do cavalo, ou seja, passa a considerar como hostil todo ser ou objeto que dele se aproxima por trás, até verificar que isso não representa qualquer perigo para a sua sobrevivência (CEZARIM, 2007).

Desta forma, deve-se ter cuidado ao se aproximar de um cavalo em seus pontos cegos, mantendo-se movimentos lentos e falando de forma clara, para que não se assuste, evitando acidentes.

Quanto ao tato, ainda de acordo com Cezarim (2007), os lábios possuem pelos táteis em suas extremidades, que funcionam da mesma forma que a mão humana. Assim, tocar um objeto com a ponta do focinho é para o cavalo tão importante quanto vê-lo. A associação do

tato com o olfato permite ao praticante de equoterapia uma interação rica de fatores biopsicossociais, iniciando, ao mesmo tempo, um convívio salutar e de respeito mútuo.

Vale ressaltar também, na etologia equina, uma pequena reflexão sobre o sono, que pode ocorrer nos intervalos de descanso entre as sessões de equoterapia, pois estes animais têm como peculiaridade dormir de pé. Assim, estes períodos devem ser observados pela equipe, evitando-se acidentes e situações embaraçosas, caso o animal se assuste.

2.4.1 A origem do cavalo

É difícil precisar o momento exato da utilização do cavalo doméstico, como o conhecemos agora, na história do desenvolvimento humano. Sabe-se que no Período Eoceno, há cerca de 60 milhões de anos, o ancestral do cavalo surgiu no Continente Americano durante a Era Cenozóica. De acordo com Lima, Shiota e Barros (2006), o primeiro antepassado do cavalo moderno, denominado *Eohippus*, media apenas 35 cm de altura e possuía o dorso arqueado. Já no período Oligoceno, 40 milhões de anos atrás, evoluiu para o *Mesohippus*, animal com 45 cm de altura. Dez milhões de anos mais tarde, no Período Mioceno, o *Miohippus* alcança a altura de 70 cm e, em seguida, próximo ao Período Plioceno, surge o *Merichippus* com um metro.

Segundo os autores, somente a seis milhões de anos os cavalos passaram a ter aparência muito próxima àquela que conhecemos atualmente. Na segunda metade da Era do Gelo, na Região da América do Norte, finalmente surgiu o *Equus*, migrando para a Ásia, Europa, África e América do Sul. Por causas ainda desconhecidas, há oito mil anos os cavalos foram extintos no continente americano. Nessa época, o gênero *Equus* distribuía-se da seguinte forma: cavalos na Europa e Ásia, asnos no norte da África e zebras no sul da África. Para sobreviver aos predadores, o *Equus* desenvolveu agilidade e velocidade, e quatro espécies prevaleceram e deram origem às raças conhecidas. Estas espécies foram: *Equus przewalski*, na Ásia Central; *Equus tarpanus*, na Rússia; *Equus robustus*, nas planícies da Europa; e, *Equus agillis*, nas planícies da Arábia e África.

Segundo Razzolini Filho (2009, p. 38), sabe-se que o período Neolítico, o último da Pré-História, ficou marcado, principalmente, pelo início do cultivo da terra, com a fixação do

homem em um determinado espaço geográfico. Assim, ainda durante esse período, por volta de 5000 a.C., ocorre o processo de domesticação de animais, principalmente bois e cavalos, que passam a ser utilizados como recursos de tração.

2.4.2 O cavalo no Brasil

O cavalo exerceu importante papel na formação econômica, social e política do Brasil. No aspecto econômico, desempenhou as funções de sela (para o vaqueiro e o peão, nas lides comuns à pecuária); de carga (nos comboios ou comitivas); e de tração (“motor” de veículos de carga e de moendas). No aspecto social – englobando exibicionismo, vaidade, orgulho e diferenciação social –, o cavalo desempenhou seu papel tanto na função de sela quanto de tração dos veículos. A partir da segunda metade do século XIX, destacam-se no aspecto social as atividades de esportes e lazer, como corrida e salto.

Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA, 2006), as características do processo de introdução do cavalo no Brasil diferem daquelas verificadas nos demais países do continente americano. Nos países de colonização espanhola, a principal função do cavalo foi militar. Na sua segunda viagem à América, em 1494, Cristóvão Colombo trouxe alguns exemplares para a Ilha de São Domingo. Na América do Sul, a introdução do cavalo ocorreu em 1532, utilizado em incursão pelo Peru.



Figura 1: Aquarela de Debret
Fonte: Biblioteca Mário de Andrade

Oficialmente, a chegada de cavalos no Brasil só foi registrada em 1549, por iniciativa de Tomé de Souza, primeiro governador-geral, importando-os de Cabo Verde. Assim, nos primeiros anos da Colônia, a sua criação junto com o gado bovino foi iniciada formalmente e se tornou fundamental para a formação do Brasil.

A base econômica do Brasil colonial era composta por duas atividades principais: a açucareira e a criatória. Ressalte-se que a criação de gado bovino sempre era acompanhada de tropa de cavalos para a lida, mas com diferenças significativas em suas características, uma vez que, enquanto a atividade açucareira limitou-se à zona da mata, a pecuária foi o principal fator de penetração e ocupação do interior do Brasil.

Segundo Nogueiról (2007), entre os anos de 1816 e 1822, Saint-Hilaire, botânico francês, percorreu as províncias/capitanias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo/Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além do Uruguai, percebendo que os escravos, a exemplo dos demais habitantes da província, andavam a cavalo.

Outra importante diferença ocorreu na ocupação territorial, devido aos conflitos entre agricultores que viam suas lavouras invadidas (e destruídas) por animais e criadores. O Governo português regulamentou esta disputa. Uma Carta Régia de 1701 proibiu a criação de animais a menos de dez léguas da costa, onde se localizavam as lavouras. Desta forma, a criação é forçada para o interior do sertão, em terras mais pobres. A pecuária se torna uma atividade itinerante, de acordo com o regime de águas e a distribuição dos mercados. A ocupação da terra era extensiva. A acumulação de capital (gado) ocorria sempre que havia disponibilidade de terra por ocupar, independentemente da demanda (CNA, 2006).

Com o início do ciclo da mineração no interior do Brasil, surge também a necessidade de abastecer os núcleos mineradores, reforçando a interiorização do gado. Nesse processo, o cavalo também foi para o interior do Brasil, expandindo a criação nas direções do Centro-Oeste e Norte, a partir de dois centros: Bahia e Pernambuco. Na Bahia, a criação se espalhou para o norte e noroeste em direção ao Rio São Francisco. De Pernambuco, o movimento também seguiu uma direção norte e noroeste, no sentido dos atuais Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, contribuindo para a ocupação da faixa litorânea do Nordeste.

No Sul, a introdução do cavalo ocorreu de forma distinta. Na região dos atuais Estados do Paraná e Santa Catarina, misturaram-se os cavalos vindos de São Paulo (junto com a criação de gado bovino) com os cavalos descendentes de animais extraviados da viagem de

Cabeça de Vaca. Rapidamente, a criação de cavalos no Rio Grande do Sul ganhou importância, transformando-se em fornecedor de equídeos para as demais regiões. Neste ponto, deve-se destacar a importância do comércio de cavalos envolvendo vendedores e compradores das mais diversas regiões em feiras, destacando-se a que ocorria em Sorocaba (SP). Essas feiras desempenharam papel de grande relevância na formação da infraestrutura unitária do Brasil colonial.

A criação de cavalos no Brasil colonial teve também importância estratégica. Durante o século XVII e parte do século XVIII, o Brasil foi o grande fornecedor de cavalos para as tropas portuguesas na África. Portugal tinha grande necessidade de cavalos para suas tropas, tanto para utilizar como armas de guerra, quanto para intimidar os africanos, que demonstravam pavor ao cavalo. Diversas cartas do Rei de Portugal, desde 1648, ordenavam o envio de cavalos para Angola, chegando a tornar obrigatório o seu envio para África.

O fato de o Brasil exportar cavalos nunca inibiu a sua importação. Cavalos de melhor qualidade começaram a ser importados com a chegada da família real. Em 1808, D. João VI trouxe os cavalos da coudelaria do Alter Real para o Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1819, determinou a criação do Estabelecimento de Manadas Reais, em Minas Gerais, com a importação de cavalos. Outras importações de destaque ocorreram também em 1821 (de cavalos da Áustria, pela Imperatriz D. Leopoldina) e 1825 (de cavalos ingleses, para a coudelaria de Cachoeira dos Campos).

2.4.3 A importância econômica dos equídeos

A exploração equina em modalidades desportivas, lazer, trabalho e terapia tem sido de grande importância. O esporte equestre está difundido no Brasil há longa data, constituindo-se as práticas de corrida uma importante atividade econômica, participando da pauta de exportações de diversos países da Europa, América do Sul e América do Norte. Tornou-se um poderoso mercado de trabalho, de grande interesse econômico no Brasil, uma vez que milhares de pessoas dependem direta ou indiretamente dessa atividade (SIMEQUI, 2007; BACALHAO, 2008).

A importância econômica também ganha destaque no apoio às diferentes atividades agropecuárias, especialmente na lida do gado bovino. Não obstante a importância do equino quanto à exploração no trabalho, existe uma tendência crescente da participação em modalidades de lazer, indicada pelo número de eventos esportivos.

O espaço rural permite o desenvolvimento de diversas atividades como turismo cultural, ecológico, rural e esportivo, dentre outras. Atualmente, as atividades de turismo rural no Brasil estão concentradas nas regiões Sul e Sudeste, devido à forte influência do tropeirismo.

Somando-se a essas demandas da equinocultura, observa-se a utilização desses animais na equoterapia, um método terapêutico e educacional que utiliza o equino dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiência e/ou de necessidades especiais.

Segundo Wickert (1999, *apud* BACALHAO, 2008), na realização da prática equoterápica, o equino é imprescindível atuando como agente de educação e reabilitação. Apesar de ter grande porte e grande força, é muito dócil, deixa-se manusear e montar, estabelecendo, portanto, vínculo afetivo. Dada a característica dos movimentos, pode-se dizer que o equino age como um instrumento cinesioterapêutico (terapia através do movimento). Todas essas funções são decorrentes de um aporte anatômico e fisiológico da musculatura bem estruturada e desenvolvida do equino, promovendo-o como de melhor desenvolvimento corpóreo dentre os animais domésticos.

O imenso potencial do agronegócio brasileiro, aliado à capacidade instalada de suas instituições e à reconhecida criatividade de seus pesquisadores, abrem enormes possibilidades de investimentos externos e privados.

O quadro a seguir, elaborado pelo IBGE (2009) mostra o desenvolvimento da criação de equinos no Brasil dos anos de 2003 a 2007.

Quadro 1: Dados estatísticos - Equinos no Brasil (Cabeças)

	2003	2004	2005	2006	2007
Brasil	5.828.376	5.787.250	5.787.249	5.749.117	5.602.053
Minas Gerais	897.035	859.974	856.740	865.340	838.222
Bahia	613.499	614.073	614.115	613.519	621.122
Rio Grande do Sul	499.358	484.512	476.639	468.447	449.955
Goiás	443.903	442.818	441.782	445.130	445.715
São Paulo	515.575	500.177	493.919	472.835	421.654
Paraná	459.294	434.381	426.004	413.303	389.020
Mato Grosso do Sul	362.894	366.399	369.529	370.673	357.315
Mato Grosso	306.845	311.598	314.544	312.219	310.174
Pará	260.058	282.835	290.769	276.474	283.410
Maranhão	173.484	175.027	177.731	177.841	174.320

Fonte: IBGE 2009.

A configuração do Complexo do Agronegócio Cavalo pode ser vista no processo a seguir.

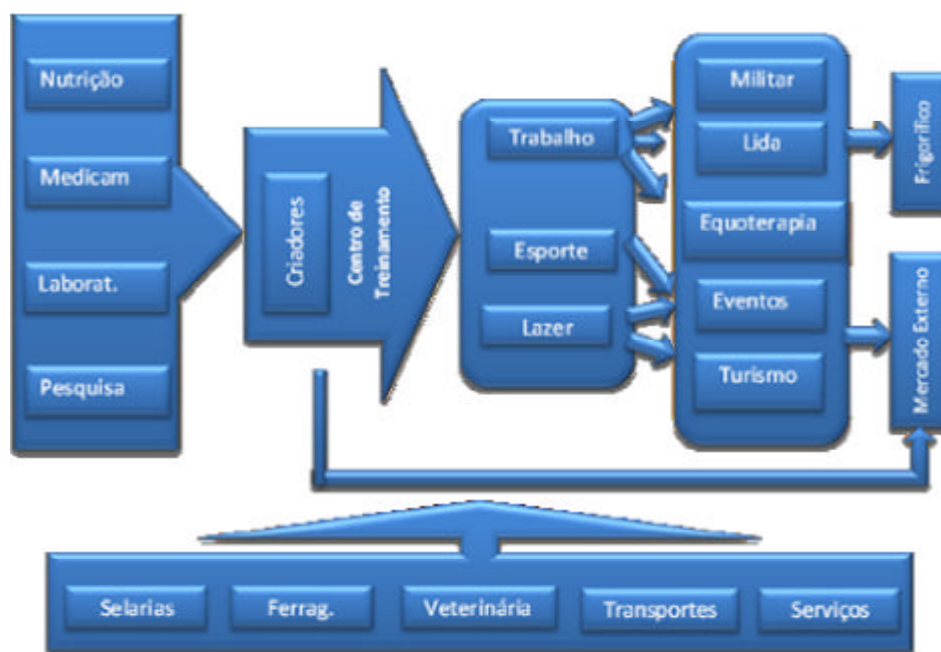


Figura 2: Configuração do Complexo do Agronegócio Cavalo
Fonte: Modificado de SOUZA-LIMA; SHIROTA; BARROS, 2006.

O mercado vem se modernizando e desenvolvendo com presteza nas exportações, na modernização da atividade rural, pesquisas e expansão da indústria de máquinas e

implementos que contribuem igualmente para transformar o país em uma das mais rentáveis plataformas mundiais do agronegócio. A adoção de programas de sanidade animal e vegetal garante a produção de alimentos saudáveis, que também ajudam o Brasil a alcançar essa condição.

O país já poderia ter a posição pioneira mundial e só não a tem porque, nos primórdios da evolução da agropecuária, adotara uma estratégia de importação, deixando de lado a industrialização, não aproveitando sua herança natural de maneira sustentável, desencorajando a inovação e onerando a agricultura e o setor primário.

O Brasil, sendo uma nação com vocação inata para o agronegócio, com tamanho potencial de recursos naturais, junto com tecnologia de ponta e vasta mão-de-obra barata, tem todas as ferramentas para competir em qualquer segmento da agroindústria, incluindo o setor equino.

Segundo Ferrucci (2005), nos últimos anos houve um sensível aumento no número de equinos e de praticantes de equitação de esporte, lazer e equoterapia. Esses animais necessitam de manejo especializado, treinamento, serviços técnicos, instalações elaboradas e alimentação especializada. Há uma grande demanda de pessoas com preparo técnico e científico para trabalhar no setor em todo o Brasil, mas ainda há a necessidade da criação de cursos especialização em equinocultura.

A equinocultura praticada no Brasil assumiu patamares que repercutem de forma preponderante nos trabalhos de tração, esporte, produção de carne, entre outros. Adquire essa relevância mediante a adoção de práticas desportivas em todas as regiões, especialmente, as vaquejadas no Nordeste brasileiro e as práticas de rodeios nas regiões Sul e Sudeste do país e, atualmente com a equoterapia, que será abordada no próximo tópico.

2.5 O surgimento do Centro de Equoterapia no IF Sudeste MG – Campus Barbacena

O Curso de Equideocultura sempre fora ministrado de forma teórica, pois não existia na instituição espaço apropriado e delimitado, animais e material de apoio (selas e acessórios),

sem nenhuma infraestrutura física, portanto, para aulas práticas. Não atendia à comunidade discente nem à equideocultura regional.

A direção da Instituição, visando ao aperfeiçoamento da educação inclusiva e à introdução da disciplina de equideocultura de forma prática e efetiva, proporcionou ao autor desta pesquisa o curso de Equitação Terapêutica Básica e Avançada, ministrado pela ANDE – Brasil, no final do ano de 2007. Após a conclusão do curso, o autor ficou entusiasmado e motivado com o conhecimento adquirido, inclusive para o Mestrado, e com vistas à necessidade de criação do Núcleo de Equideocultura do IF Sudeste MG– Campus Barbacena, objetivando melhorar condições físicas para o trabalho de campo da disciplina.

Durante o mês de março de 2008, início do semestre letivo, começou-se a trabalhar a criação do Núcleo de Equideocultura e a implantação da equoterapia, pois se trata de um tema ligado à disciplina até então ministrada. Com o sinal verde da diretoria, foi escolhido um local apropriado (figura 3), sem o comprometimento dos projetos já implantados, evitando a competição.



Figura 3: Imagem de Satélite (29/03/2006) do local escolhido para o Centro de Equoterapia, com tracejamento desde a entrada principal da Instituição.
Fonte: Google Earth 2010.

Neste sentido, optou-se por uma área onde já havia uma casa em processo litigioso, desocupada após acordo, a qual é atualmente a sala de aula e selaria do projeto (figura 4).



Figura 4: Local escolhido para o Núcleo de Equoterapia
Fonte: Acervo do autor.

Mobilizou-se a comunidade interna através de palestras e conversas informais, a partir do que, com apoio unânime, inicia-se a ocupação do espaço. Sabe-se que nas Instituições públicas a contratação de mão-de-obra é dificultada por questões burocráticas, neste sentido, a comunidade estudantil, também motivada, contribuiu de forma efetiva, cedendo sua mão-de-obra nos horários vagos, por se tratar de projeto cujo benefício seria usufruído por eles mesmos.

Assim, iniciou-se a construção da pista de grama com 60m X 40m largura, redondel com 12mØ, arborização do entorno, sob coordenação do Professor Sinje Suzuki da Disciplina Jardinagem, já usados nas aulas práticas do curso regular (figura 3).

Com as instalações iniciais já em uso, com base científica e o entusiasmo dos alunos, partiu-se para a implantação da equoterapia. Para isso, eram necessários profissionais das áreas de educação e saúde e que tivessem interesse e motivação para a atividade (figura 5).



Figura 5: Obras para a construção das Pistas.
Fonte: Acervo do autor.



Figura 6: Terraplanagem para a construção das Pistas
Fonte: Acervo do autor.

Na comunidade externa, procuraram-se as Instituições ligadas à educação inclusiva como a APAE, o Instituto Estadual Maria do Rosário e a Escola Estadual Rubens Crespo. A recepção à proposta de utilização de um Centro de Equoterapia excedeu às expectativas e, coincidentemente, nas instituições já existiam profissionais com qualificação para a integração de equipes multiprofissionais de equoterapia, sendo que até a presente data alguns voluntários ainda prestam sua valiosa contribuição (figura 7).



Figura 7: Vista do Centro de Equoterapia
Fonte: Acervo do autor.

Após a formação da equipe mínima, projetos para a complementação do Centro (construção de Galpão, sanitários adaptados, selaria, baias, móveis e equipamentos) foram encaminhados ao Ministério da Educação, contemplados com uma verba de R\$ 15.000,00 (quinze mil reais).

Da mesma forma, foram contatadas outras instituições, como prefeituras, empresas locais e pessoas físicas que, após palestras sobre o tema, pudessem colaborar com esse empreendimento social. Neste sentido, obtivemos ajuda complementar, como, por exemplo, tratores para terraplanagem e retroescavadeiras, madeiras, materiais de construção e outros. Além disso, foram doados alguns cavalos, que foram treinados pelos alunos do Curso Técnico em Agropecuária e até hoje são utilizados (figura 8).

Em outubro de 2008, após as adaptações, foram realizadas melhorias e construções de galpão coberto com piso de areia (área de 800m²), além de 10 ha de pastagens com grama estrela e tifton, coordenadas pelos professores de solos e forragicultura e utilizados como instrução de campo em aulas práticas. Após a iluminação da área de prática, calçamento do pátio de acesso dos praticantes e bebedouros para os animais, iniciou-se o Projeto de Equoterapia na Instituição, com atendimentos às segundas, quartas e sextas-feiras, com 12 praticantes semanais.



Figura 8: Encontros e Palestras proferidas pelo autor.
Fonte: Acervo do autor.

A partir do ano de 2009, o atendimento ampliou-se para 40 praticantes semanais e, atualmente, são 60 praticantes e atendimento diário, inclusive aos sábados, isso devido à ampliação da equipe multiprofissional, estágios profissionais da área de saúde e educação em convênios com universidades, faculdades e alunos do Curso Técnico em Agropecuária.

No primeiro ano, houve um crescimento de 330% no número de praticantes. Hoje, a expansão é de 500% em relação ao primeiro ano de funcionamento. As obras não diminuíram em intensidade, pois, com o aumento do número de praticantes e acesso maciço dos alunos do IF Sudeste MG de todas as séries, houve a necessidade de ampliação, através de espaços culturais e meios de comunicação (telefonia e Internet). Com isso, construiu-se, também, mais

um espaço equestre, denominado de “Coliseu”, construção oval com 40m de comprimento, no ponto mais longo, por 20m largura (figura 9).



Figura 9: Vista da construção do “Coliseu”
Fonte: Acervo do autor.

Os números atuais indicam 3120 sessões de equoterapia durante o ano, o que equivale a 1560 horas.

	Ano		
	2008	2009	2010
Praticantes	12	40	60

Quadro 2: Crescimento do atendimento equoterápico
Fonte: Elaboração própria

Com a evolução do número de atendimentos e a lista de espera - que conta com quase o dobro do atendimento atual -, o interesse dos alunos de todas as séries do Curso, a satisfação da comunidade interna (professores e servidores administrativos) e os benefícios propiciados

aos praticantes, relatados pelos responsáveis (mães), percebe-se que o caminho trilhado até o momento deve ser considerado satisfatório.

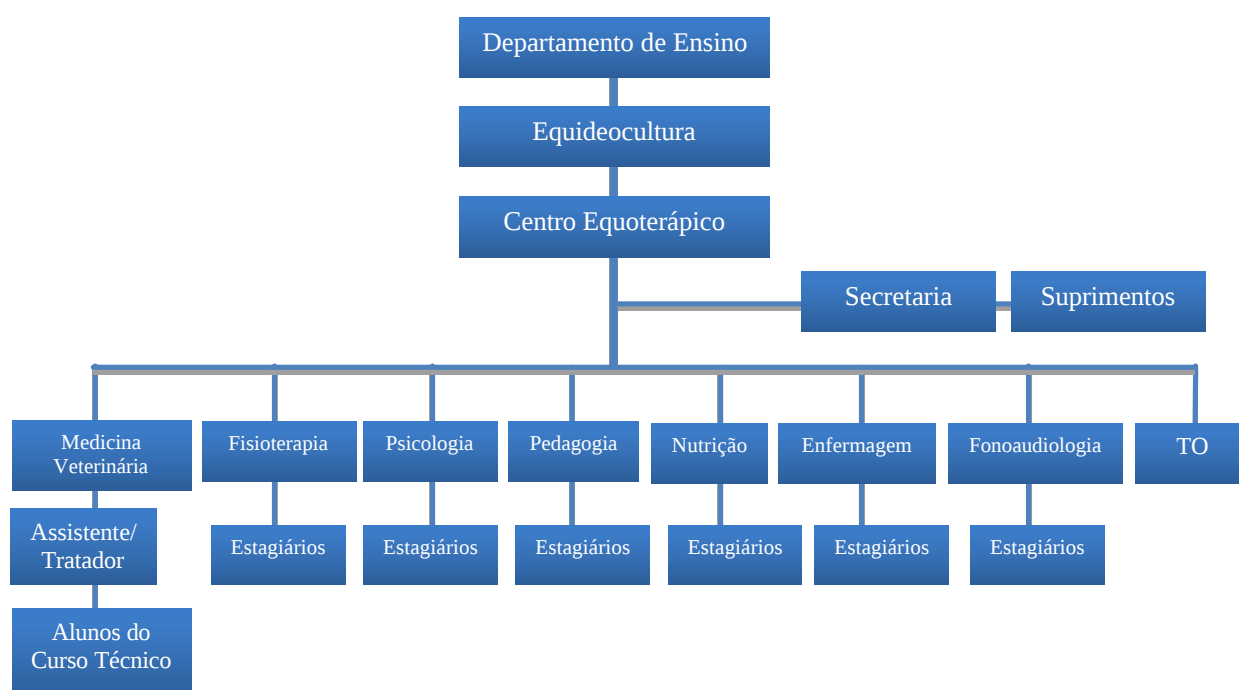
As atividades descritas a seguir foram sistematizadas durante a rotina de um dia de trabalho: a) **preparar o cavalo:** é a atividade de fazer a limpeza do cavalo, verificar como está sua saúde, encilhar o cavalo. A atividade começa às 7 horas e dura em torno de 30 minutos - antes de o primeiro praticante chegar. b) **fase de aproximação:** Na presença da equipe mínima, o praticante se aproxima do cavalo em que vai realizar a sessão. A atividade é guiada pelo mediador, enquanto o auxiliar-guia procura manter o cavalo o mais imóvel possível. c) **ato de montar:** é a ajuda ou orientação dada ao praticante para monte sobre o cavalo. Há casos em que se utiliza a escada de três degraus ou rampa de acesso para cadeirantes. d) **Desenvolvimento da sessão:** é a atividade desenvolvida nos programas de hipoterapia, educação/reeducação ou treinamento esportivo. e) **aprear:** é a assistência dada ao praticante ao descer do cavalo, geralmente pela rampa ou escada. f) **fase de despedida do cavalo:** é a atividade em que o praticante agradece com afagos o cavalo e se despede da equipe, e, g) **avaliar a sessão:** é a pausa programada da equipe para preencher as fichas de acompanhamento, discutir o caso e realizar outras atividades, como pausa para o café, ida ao banheiro, tomar água. (CHIARAMONTE, 2004).

Os equinos disponibilizados para a prática da equoterapia têm atenção e cuidados especiais no que se refere à etologia, isto é, são manejados em nível de pasto, em grupo, suplementados de acordo com suas necessidades nutricionais. O acompanhamento do manejo nutricional, sanitário e funcional é feito pelos alunos do Curso Técnico de Agropecuária, através de pesagens mensais e do desempenho individual de cada animal. Quanto ao manejo sanitário, são feitas vacinações, vermifugações e cuidados podológicos preconizados para a espécie, além de inspeções rotineiras visando o bem-estar do animal e seu desempenho funcional, bem como propiciando aos alunos a vivência diária da equinocultura.

Como mencionado anteriormente, os cavalos utilizados na equoterapia, devem ser, ao mesmo tempo, dóceis, educados e resistentes. Entretanto, devido à rotina de trabalho, necessitam de reajustes comportamentais e, desta forma, são trabalhados em instalações próprias (redondel) ou mesmo em nível de campo (lida com gado), pelos alunos do curso, confirmando a importância do profissional de equinocultura na composição da equipe multidisciplinar em um centro de equoterapia.

Ainda em relação aos equídeos, têm-se a preocupação com os equipamentos e acessórios de selaria, que são acondicionados em local próprio e arejado, inspecionados e limpos após cada utilização, sendo que, semanalmente, as partes em couro que compõem os equipamentos recebem tratamento com óleos de origem animal e vegetal e, caso necessário, são substituídos por peças novas. No Centro Equoterápico, os modelos de equipamentos utilizados são variados, para propiciar, aos praticantes e profissionais, conforto, opções de tratamento e segurança. Dentre os equipamentos, podemos citar as selas inglesa, francesa, australiana, mantas e cilhões, embocaduras (freios e bridões) leves, cabeçadas de couro e rédeas de algodão (confortáveis para os praticantes).

Quanto aos profissionais envolvidos com o Núcleo de Equoterapia, o organograma funcional, a seguir, mostra as características de seu funcionamento.



Quadro 3: Organograma Funcional do Centro Equoterápico
Fonte: Elaboração própria.

O Centro, de acordo com o organograma apresentado acima, compõe-se de um médico veterinário, que, como os demais membros da equipe multidisciplinar, participam ativamente das sessões, sendo responsável pelos equinos e equipamentos que compõem a montaria e por ministrar o curso de equideocultura para os 60 alunos da Instituição, bem como a supervisão

do estágio e a administração do Centro; três fisioterapeutas responsáveis pelas ações correlatas e inerentes de sua área profissional, além de supervisionar cinco acadêmicos em estágio; um psicólogo, um pedagogo, um nutricionista, um enfermeiro, um fonoaudiólogo e um terapeuta ocupacional, que são responsáveis, respectivamente, por seus estagiários em número total de 18.

No Núcleo de Equideocultura, o setor que mais se destaca, hoje, é a equoterapia, que passou a ser uma espécie de vitrine do Instituto Federal, pois é sempre apresentada às autoridades e aos visitantes ilustres, como projeto social, educativo e de extensão, cujos objetivos foram alcançados. Despertou, também, o interesse da mídia televisiva, como o de uma rede de televisão regional, que documentou o projeto para exibição em seu telejornal diário. Da mesma forma, a mídia impressa, através do Jornal Nova Mídia, escreveu uma longa matéria sobre o empreendimento do IF.

O que todas as crianças apresentam, sem exceção, é uma falta de confiança no outro e especialmente em si mesmo. Além disso, pode ser observada uma autoestima baixa, o que faz parte de um autoconceito bastante negativo da criança. Por isso, podem ser considerados como pontos cruciais da equoterapia, no caso do praticante, o desenvolvimento da confiança e a elevação do nível da autoestima por meio da possibilidade de a criança se conceituar de forma mais positiva; e, no caso da equipe multidisciplinar, que atua de forma interdisciplinar, o conhecimento da lida com um animal do porte de um cavalo, como o caráter, suas andaduras e as reações manifestadas com cada paciente, devendo-se, portanto, o estabelecimento de um relacionamento entre o profissional, o praticante, o cavalo e a atividade terapêutica. Assim, percebe-se a importância da utilização de um cavalo adequado e cooperativo, mesmo estando sob controle do auxiliar-guia.

Segundo Aranha (2001), a inclusão social, portanto, não é processo que diga respeito somente à pessoa com deficiência, mas sim a todos os cidadãos. Não haverá inclusão da pessoa com deficiência enquanto a sociedade não for inclusiva, ou seja, realmente democrática, onde todos possam igualmente se manifestar nas diferentes instâncias de debate e de tomada de decisões da sociedade, tendo disponível o suporte que for necessário para viabilizar essa participação. Assim, é fundamental que as pessoas com deficiência frequentem os serviços que necessitem para seu melhor tratamento e desenvolvimento, mas também que a

sociedade se reorganize de forma a garantir o acesso imediato da pessoa, através da provisão das adaptações que se mostrem necessárias.

2.5.1 Breve histórico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sudeste de Minas Gerais, inicialmente criado pelo Decreto nº 8.358, do Presidente Nilo Peçanha, em 9 de novembro de 1910, como Aprendizado Agrícola de Barbacena, foi a primeira escola de ensino agrícola do Brasil dedicado, especialmente, à cultura de plantas frutíferas nacionais e exóticas e ao ensino prático de fruticultura, subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. A 10 de dezembro do mesmo ano, a Fazenda Nacional adquiriu uma chácara, com benfeitorias, com área total de 4.950.138,64 m², futura instalação da Escola, quando foi nomeado seu primeiro diretor, o professor Diaulas Abreu (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2009).

De 1911 a 1913, ocorreu a construção da sede e dependências. O projeto da sede, em estilo rural francês, foi idealizado pelo arquiteto e paisagista francês Arsene Puttemas. As atividades da Escola tiveram início em 14 de julho de 1913 e sua denominação e subordinação foram sucessivamente modificadas, firmando sua reputação de excelência que a distingue até hoje.

Pelo Decreto nº 22.934, de 13 de julho de 1933, foi mudada a denominação de Aprendizado Agrícola de Barbacena para Escola Agrícola de Barbacena, ainda subordinada ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Em 1946, a Lei Orgânica do Ensino Agrícola, criada pelo Decreto- Lei nº 613, de 20 de agosto, definia três tipos de estabelecimentos de ensino agrícola: Escolas de Iniciação Agrícola, Escolas Agrícolas e Escolas Agrotécnicas. No ano seguinte, no governo do Exmº Sr. Presidente Eurico Gaspar Dutra, pelo Decreto nº 22.506, de 22 de janeiro, a Escola passou a se chamar Escola Agrotécnica de Barbacena.

Em 1955, no governo do Exmº Sr. Presidente João Café Filho, a denominação passou a ser Escola Agrotécnica “Diaulas Abreu”, subordinada ao então criado Ministério da Agricultura.

Em 1967, a Escola, que até então era subordinada ao Ministério da Agricultura, por meio da Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário, passou, pelo Decreto nº 60.731, de 19 de maio, para o Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Com a criação, em 1973, da Coordenação Nacional do Ensino Agrícola (COAGRI), pelo Decreto nº 72.423, de 09 de julho, a Escola passou a ser subordinada a este órgão, pertencente ao MEC.

A partir da Lei nº 8.731, de 16 de novembro de 1993, a Escola Agrotécnica Federal de Barbacena “Diaulas Abreu” passou à condição de Autarquia Federal, vinculada à Secretaria de Educação Media e Tecnológica (SEMTEC), do Ministério da Educação.

Em 2008, de acordo com a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro, a Escola Agrotécnica Federal de Barbacena “Diaulas Abreu” passou a denominar-se Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Barbacena, vinculado à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), do Ministério da Educação.

2.5.2 A formação profissional no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia

Como instituição oficial, a exemplo das demais Escolas Agrotécnicas e Escolas Técnicas, nasceu sob a égide da Pedagogia do Trabalho, organizada e elaborada através de constituição do paradigma *taylorista-fordista*, cuja finalidade é atender a uma divisão social e técnica do trabalho marcada pela clara definição de fronteiras entre as ações intelectuais e instrumentais (PAVANI, 2006).

Segundo Pavani (2006), a trajetória da Pedagogia do Trabalho foi dando origem, historicamente, a uma pedagogia escolar centrada ora nos conteúdos, ora nas atividades, formando mão-de-obra técnica para o mercado de trabalho rural e/ou urbano. Tornou-se um centro de excelência no ensino agrícola, na Região das Vertentes, em Minas Gerais. Como órgão público de administração indireta, adequou-se a todos os modelos educacionais no que diz respeito à educação profissional, impostos pelo poder público federal.

Nas formações profissionalizantes, o ofício confronta a prática com situações de trabalho que, a despeito da singularidade de cada um, poderão ser dominadas graças a competências de certa generalidade. Segundo Perrenoud (1999, p. 36), a implementação de uma formação profissionalizante consiste primeiro na correta identificação das situações pertinentes, considerando-se, ao mesmo tempo, as situações relativamente banais, mas que, nem por isso, pedem um tratamento de rotina, e as situações excepcionais, que requerem a totalidade da perícia, da criatividade e do sangue-frio do prático.

Neste sentido, Le Boterf (2003, p. 220) diz que garantir a qualidade do plano de formação não se reduz a garantir a qualidade das situações ou dos atos pedagógicos. Exatamente como na área de produtos e serviços, convém raciocinar em termos de processo,

De acordo com Sacristán (2000, p.45), a educação prepara para participar do mundo na medida em que proporciona a cultura que põe esse mundo e sua história, transformando-a em cultura subjetiva, o que dá a forma de nossa presença diante dos bens culturais, uma maneira de ser alguém diante da herança recebida. “A isso chamamos saber”.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo visando identificar as representações sociais e o perfil do grupo pesquisado, através de dados e fatos colhidos da própria realidade, e de pesquisa bibliográfica para atualizar o estado da arte sobre determinado tema de interesse profissional. De acordo com Cervo, Bervian e Silva (2007), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses.

Segundo os autores:

Busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é o meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos. Feita com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 60-1).

3.1 Tipo de pesquisa

Neste estudo, optou-se por uma pesquisa qualitativa, participante, cuja base, segundo Thiollent (2005, p.14), “(...) empírica, concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”. Da mesma forma, utilizou-se o tipo de pesquisa bibliográfica descritiva, não havendo interferência do pesquisador, que procurou descobrir a frequência de ocorrência do tema, sua natureza, características, causas, relações e conexões.

Segundo Martins (1992, p.23), “o pesquisador observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), o que evita interferências ou manipulação dos fatos ou fenômenos pelo pesquisador”.

3.1.1 Quanto aos fins

Buscou-se adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações advindas dos resultados dos questionários e material bibliográfico pesquisado.

3.1.2 Quanto aos meios

O trabalho consistiu na coleta, seleção, análise e interpretação dos resultados da pesquisa, além da literatura existente sobre o assunto, composta de livros, teses e dissertações, artigos de jornais e revistas, manuais de metodologia de trabalho. Foram consultados sítios da Internet e coletânea de publicações de revistas nacionais pertinentes ao tema do trabalho.

3.2 Amostra

Constituiu-se uma amostragem de 60 alunos do terceiro ano do curso Agropecuário integrado ao Ensino Médio, 70 professores, 100 servidores, bem como a comunidade externa composta pelos pais ou responsáveis pelos praticantes.

3.3 Coleta de Dados

Foram aplicados questionários semiestruturados aos alunos, professores/servidores e comunidade (representada pelos pais ou responsáveis dos praticantes). A partir dos resultados obtidos, avaliaram-se as possibilidades e benefícios para a implantação definitiva do Centro de Equoterapia, visando à qualificação profissional dos futuros técnicos, ampliando o universo de trabalho.

Para o acompanhamento e documentação das etapas da pesquisa de campo e complementação da estrutura física local, foram utilizados meios multimídia através de filmagens e fotografias. Também foi pesquisada, de forma sistemática, a literatura sobre como ajudar crianças com necessidades especiais e conhecer a prevalência das dificuldades, a exemplo da demora nas aquisições e desenvolvimento da linguagem, expressão e compreensão; alterações persistentes na fala; dificuldades no desempenho motor; demora em aprender a se organizar no tempo e espacialmente, através da equoterapia. Após a identificação das obras de interesse e registro das informações pertinentes ao tema, reuniram-se de forma sistemática os materiais impressos em livros, periódicos, teses e dissertações, além dos recursos informatizados.

3.4 Tratamento dos dados

Foram feitas leituras, com informações das áreas geral e específica em que se situa o assunto, procedida de forma correta, que deu margem à construção lógica do texto.

3.5 Limitações do método

Como limitação do método, pode-se mencionar a utilização das fontes primárias pesquisadas, o que concentrou na teoria existente relacionada ao tema estudado.

3.6 Além das limitações

Procurou-se apresentar os dados coletados comparando-os com a literatura pesquisada de forma consistente com o tipo de trabalho, o que auxiliou no estabelecimento de uma base para tentar responder as questões sobre o tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados foi feita através de questionários com perguntas abertas e fechadas, possibilitando, desta forma, o acesso a subsídios mais ricos e variados da população pesquisada.

4.1 Dados do questionário destinado aos alunos do IF Sudeste MG

A amostra constou de 60 (sessenta) alunos do Instituto Federal de Educação Tecnológica Sudeste de Minas – Campus Barbacena, que responderam o questionário composto por oito questões abertas e fechadas (anexo 01).

As questões envolviam desde o conhecimento sobre a equoterapia, ensino de equideocultura, até as questões sociais, como a inclusão.

A primeira questão procurou saber dos alunos se possuíam algum conhecimento sobre a equoterapia. Conforme esperado, foram obtidos 100% de respostas positivas, pois os respondentes, de uma forma ou de outra, acompanharam de perto todos os arranjos de implantação do Centro de Equoterapia no IF Sudeste MG.

O mesmo resultado (100%) também foi alcançado na segunda questão “você gostaria de obter informações sobre a equoterapia?”. Torna-se importante esclarecer que a redundância encontrada entre as duas primeiras perguntas é justificada pelo objetivo de verificar o interesse, por parte dos alunos, pelo envolvimento da disciplina equideocultura com uma terapia que tem como instrumento principal o cavalo. Portanto, estas respostas sugerem que os alunos entrevistados conheciam a equoterapia como mais uma opção de conhecimento e com possibilidades de ampliação do campo de trabalho.

Neste mesmo sentido, a terceira questão procurou filtrar as respostas das duas primeiras perguntas, ou seja, se o Centro Equoterápico é um atrativo adicional para a permanência como aluno no IF Sudeste - Campus Barbacena.

As respostas positivas compreenderam 66,6% dos entrevistados, indicando uma consciência social e o sentimento de humanidade, além da oportunidade profissional que o programa apresenta. Os alunos, também como parte interessada na concretização do projeto,

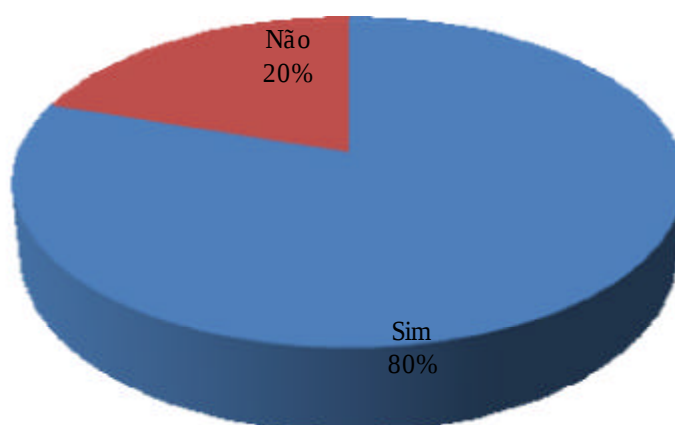
influenciaram o grau de cooperação e participação máxima nas atividades operacionais do Centro Equoterápico.

De acordo com Young (2006), é amplamente aceita a participação, pois permite que os interessados se sintam envolvidos no trabalho, além de produzir melhores resultados, mesmo que seja apenas pela utilização de ampla série de habilidades em cada etapa do processo.

Quanto às respostas negativas (33,4%), sugerem que os alunos não pretendem seguir a carreira profissional nesta área e, portanto, não consideram a disciplina como um atrativo.

A questão quatro procurou conhecer o interesse do aluno em estagiar no Centro de Equoterapia do Instituto. Foram obtidos índices de 80% de interesse, conforme pode ser visualizado no gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2: Interesse em estagiar no Centro Equoterápico



As justificativas para as respostas positivas contaram com informações relativas ao ensino da disciplina equideocultura, base da equoterapia, bem como a oportunidade profissional. Os respondentes concordam que se trata também de uma ação social.

A questão seguinte, quinta, procurou verificar o interesse dos alunos na oferta de curso superior na área de equideocultura. Obteve-se um índice de 96,6% de respostas “sim”.

A equideocultura, em amplo desenvolvimento, oportuniza um grande mercado de trabalho, não somente na Região das Vertentes, como também nos demais Estados que se destacam na criação de equinos. O município de Barbacena, como referencial nacional na

criação das raças Campolina, Mangalarga Marchador e do Jumento Pêga, torna-se um promissor consumidor da mão-de-obra especializada formada na IF Sudeste MG.

A questão número seis procurou conhecer a opinião dos alunos sobre a interação do IF Sudeste MG e a comunidade. Notou-se uma conscientização social dos respondentes, além da visão de um projeto de extensão que proporciona o comprometimento social da Instituição.

Assim sendo, deve-se concordar com Brandão (2005, p. 99) quando diz que “(...) podemos passar de uma visão mais essencialista do conhecimento humano para uma visão mais existencialista”. Desta forma, o saber, em qualquer uma de suas formas, esferas e dimensões, não é uma essência de qualquer natureza, o que pode ser percebido a partir dos dizeres dos próprios alunos da Instituição, que utilizam o saber com a lógica da vida, como um dom que se troca e que se partilha.

Perguntados se conhecem as instalações e as propostas do Projeto de Equoterapia da Instituição, todos os alunos responderam positivamente a esta questão. Isso demonstra o interesse pela equideocultura, pois, o tema equoterapia já havia sido mencionado durante as aulas da disciplina como proposta pedagógica.

Da mesma forma, houve 100% de respostas positivas para a questão oito, que procurou saber sobre a responsabilidade da Instituição com a inclusão social através de programas como a equoterapia. As justificativas dadas pelos respondentes mostraram-se de cunho social.

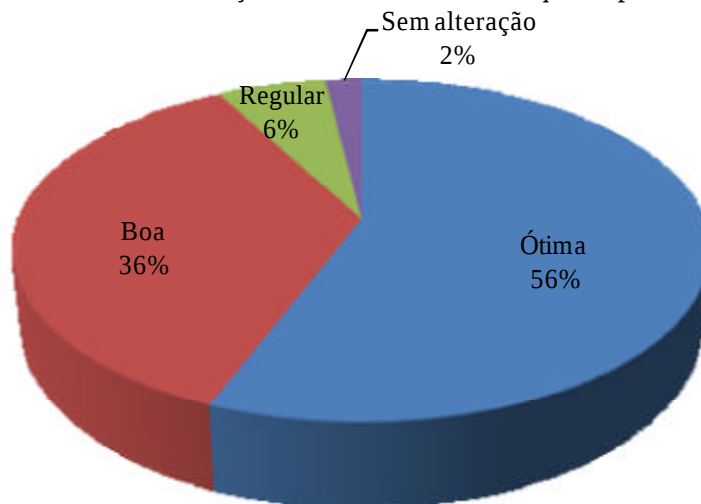
Algumas respostas são transcritas, como a de MFOS, que acredita que a Instituição “está ajudando as pessoas com necessidades especiais, tornando-as parte da sociedade”. O aluno C, sobre o projeto, comenta que “a gente vê de perto e aprende a conviver e gostar das pessoas com necessidades especiais”. APT disse que “uma Instituição com 100 anos de fundação pode e deve oferecer programas de inclusão e dar exemplos sociais como esse”.

4.2 Dados do questionário destinado aos responsáveis pelos praticantes

Cinquenta pessoas responderam a este questionário (anexo 02), com os resultados mostrados a seguir.

Sobre a percepção da evolução do praticante frente à equoterapia, relativo à primeira questão, obtiveram-se as respostas mostradas no gráfico 3, a seguir.

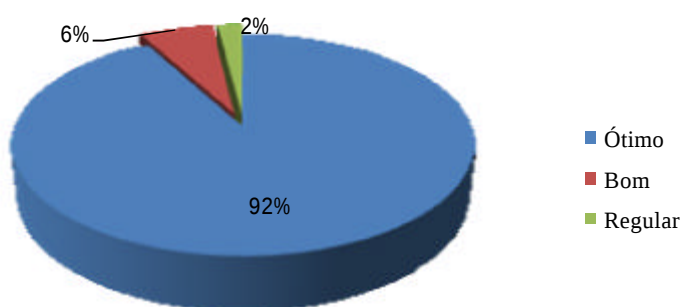
Gráfico 3: Evolução do Praticante frente a Equoterapia



A segunda pergunta solicitou a opinião sobre o local da prática, mencionando, entre as escolhas, o bem-estar, conforto ou necessidades de melhorias. Trinta respondentes (60%) avaliaram as instalações como agradáveis, outros 19 (38%) avaliaram como confortáveis, e apenas uma resposta (2%) ponderou a resposta “precisa melhorar”, alegando a necessidade de proteção contra o frio.

A questão de número três solicitava uma categorização da equipe multidisciplinar quanto aos cuidados com os praticantes. Neste quesito, apenas uma resposta foi dada a “regular”, sendo que as demais, “ótimo” ou “bom”, podem ser vistas no gráfico 4.

Gráfico 4: Avaliação da Equipe Multidisciplinar

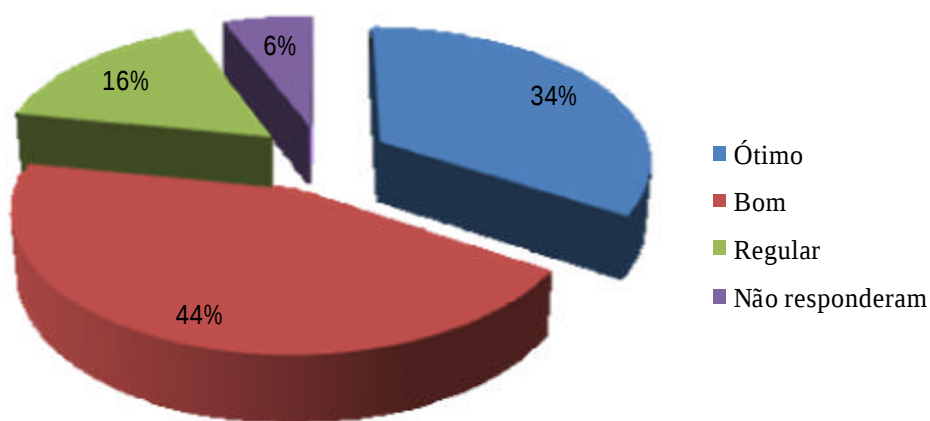


Apesar de a maioria concordar que a equipe multidisciplinar é “ótima”, vários pais ou responsáveis sugeriram o aumento do número de profissionais das áreas que se utilizam da terapia em benefício dos praticantes, a ampliação do número de sessões, a não interrupção durante as férias escolares e mais tempo de contato praticante/cavalo.

A questão quatro tratava sobre conhecer as dependências do Instituto Federal – Campus Barbacena, antes da equoterapia. A resposta “não”, dada por 60%, pode levar a supor que o novo nome da Instituição ainda não foi assimilado pelo universo pesquisado, já que muitos, no município de Barbacena e região, ainda a conhecem como Escola Agrotécnica.

A quinta questão aborda a convivência dos praticantes com os alunos da Instituição. As respostas são apresentadas no gráfico 5.

Gráfico 5: Convivência Praticantes/Alunos



As respostas informadas como regular não devem ser concebidas como crítica ao comportamento dos alunos, quer seja pelo atendimento ou simplesmente por falta de atenção ao praticante. Cabe mencionar que, como alunos, estão encarando o aprendizado como auxiliares-guia, de forma atenta e responsável, e percebem que não pode haver qualquer tipo de imprevistos tanto com o praticante quanto com o profissional. Entretanto, como sugestões, a maioria de pais que assinalou “ótimo” e “bom” pediu mais convivência ou contato.

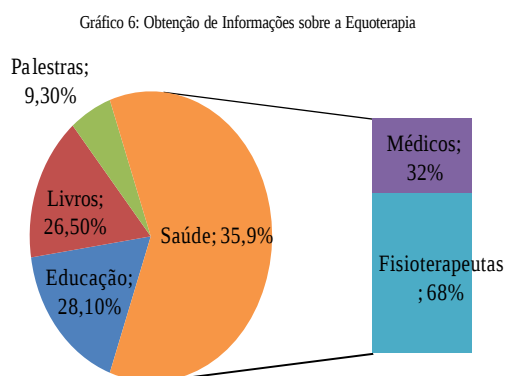
Neste sentido, Weller (1998, p. 74) havia previsto que:

Dentro desse relacionamento a criança pode se sentir também compreendida e aceita, ponto fundamental para o desenvolvimento de confiança. Tal tipo de comportamento não se limita a relação mutua criança-cavalo, mas se inicia aí para, posteriormente, poder ser transferido para as outras relações dentro do trabalho (criança-instrutor, criança-criança).

A classificação do atendimento dos funcionários da Instituição para com os praticantes e familiares, questão seis, procurou avaliar a presteza e atenção do pessoal de apoio, entendido, aqui, como os recepcionistas, motoristas e outros, que mantém contato com os pais nos dias destinados à equoterapia. Apenas 4% responderam a opção “regular”, 20% “bom” e 76% “ótimo”.

A questão sete procurou verificar a experiência dos pais ou responsáveis quanto à insegurança pessoal, ao verem os dependentes cavalgando. O total de respostas para “não” representou 82%. As principais justificativas foram: segurança e confiança na equipe e na forma como o processo está organizado.

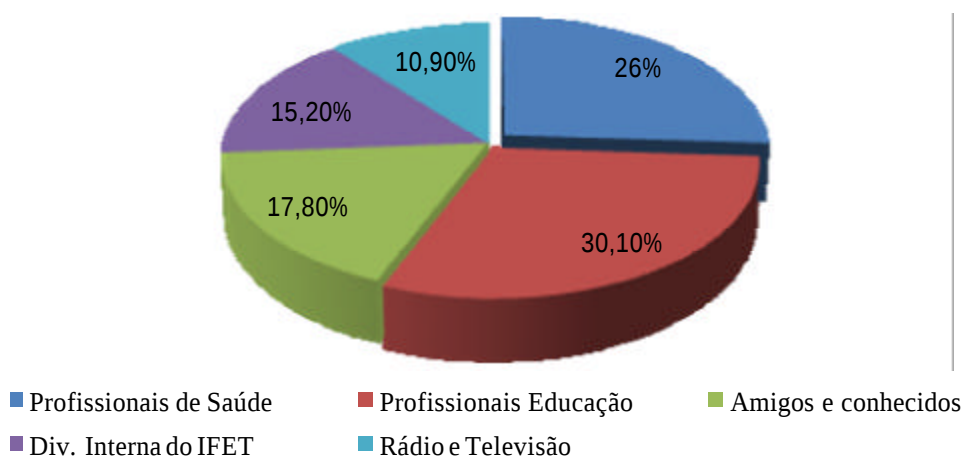
Perguntados, na questão oito, sobre como obtiveram informações a respeito da equoterapia, pôde-se observar o crescente conhecimento a respeito dessa modalidade, principalmente passados por profissionais da área de saúde³, demonstrado no gráfico 6.



³ Todas as indicações para a prática da equoterapia devem partir da área Médica. Neste sentido, a equipe do IF Sudeste MG está promovendo palestras e mesas redondas junto aos profissionais médicos e entidades de saúde privada, esclarecendo sobre a prática da equoterapia no Núcleo do IF Sudeste MG.

Na questão nove, sobre como cada entrevistado ficou sabendo da prática da equoterapia no Instituto Federal – Campus Barbacena, foram colocadas cinco opções relacionadas às áreas de saúde e educação, meios de comunicação, conversa com amigos e conhecidos e divulgação interna do Instituto Federal de Barbacena. Percebeu-se, nas respostas obtidas, uma coerência com os resultados da questão anterior, ou seja, a indicação feita por profissionais da área de saúde, o que mostra o alcance dos objetivos do trabalho de equoterapia. O gráfico 7 mostra os resultados.

Gráfico 7: Como ficou sabendo da Equoterapia no IFSUESTEMG



A décima questão, sobre a possível indicação da prática de equoterapia para outras pessoas com necessidades especiais, 100% das respostas foram positivas, o que indica que o trabalho terapêutico alcança os resultados esperados e ótimos níveis de satisfação.

A questão 11 procurou conhecer o parentesco dos acompanhantes com o praticante de equoterapia. Neste quesito, a “mãe”, com 54%, seguida do “pai”, com 28%, e padrasto, com 6%, indicam a preocupação e, ao mesmo tempo, o interesse em permanecer junto ao praticante. Os demais - avós, tias e irmãos – obtiveram 4% cada.

4.3 Dados do questionário destinado aos professores do IF Sudeste MG

Os docentes da Instituição foram convidados a participar da pesquisa, através de reunião convocada pelo Diretor Geral, na qual foram elucidados pontos como a implantação do Centro de Equoterapia e os objetivos propostos e, a seguir, solicitados a responderem o questionário com 11 perguntas (anexo 03). Setenta e dois docentes colaboraram com esta pesquisa.

O interesse em conhecer a opinião deste grupo gira em torno de aspectos como o comprometimento em favorecer o que se passou a denominar inclusão social.

Na primeira questão, o objetivo foi saber se os professores conheciam a modalidade terapêutica, ou seja, do que se trata a equoterapia. Apenas 2,8% dos professores responderam que “não”. Acredita-se que as duas respostas negativas relacionavam-se à ação de intervenção junto aos praticantes, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento e o trabalho direto com o praticante.

Quanto à implantação da equoterapia na Instituição e sua proposta, 80,62% responderam “sim”. As justificativas mencionadas, depois de compiladas pelo número de respostas, foram: 1- A estrutura física do Instituto para a promoção da atividade; 2- Pela necessidade e função social da terapia; 3- Como trabalho de extensão curricular.

As justificativas dadas, embora possam refletir muitos equívocos devidos à insuficiente compreensão do conceito, concordam com alguns dos objetivos deste trabalho no que se refere à inclusão social e a equoterapia como extensão curricular.

Deve-se concordar com Aranha (2001) quando diz que:

Não adianta prover igualdade de oportunidades, se a sociedade não garantir o acesso da pessoa com deficiência a essas oportunidades. Muitos são os suportes necessários e possíveis de imediato. Outros demandam maior planejamento a médio e longo prazo. Todos, entretanto, devem ser disponibilizados, caso se pretenda alcançar uma sociedade justa e democrática.

A terceira questão, sobre a importância do Centro de Equoterapia para a Instituição, menciona a qualificação profissional como a mais relevante. Da mesma forma, citam o

trabalho social e a convivência com as diferenças, relacionado aos praticantes. E, portanto, veem “um futuro promissor na área”.

Sobre o espaço físico ocupado pelo Centro de Equoterapia, assunto da quarta questão, as respostas podem ser visualizadas no Gráfico 8.

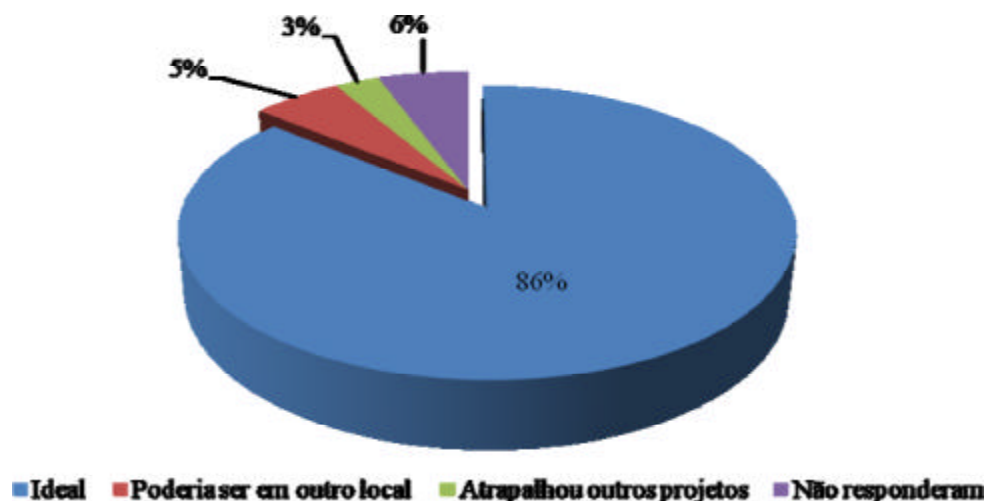


Gráfico 8: Espaço físico ocupado pelo Centro de Equoterapia

A questão cinco refere-se à disciplina ministrada pelo professor e à possível utilização da equoterapia como coadjuvante. Foram 42 respostas positivas (58%), mencionadas as disciplinas sociologia, nutrição, turismo no espaço rural, solos (nutrição animal), Enfermagem (cuidados gerais com os praticantes), segurança no trabalho, informática (através do desenvolvimento de softwares para controles diversos), equitação e outras.

A transdisciplinaridade focada no Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ permite uma participação direta dos educadores, dando-lhes uma visão mais ampla do processo educacional, interligando todas as áreas do conhecimento de forma natural.

Através da sexta questão, procurou-se conhecer o interesse dos professores em colaborar em algumas etapas do funcionamento do Centro de Equoterapia. Foram obtidas 78,4% de respostas positivas. Ou seja, estes professores estariam dispostos a contribuir com a implantação do Centro, no que se refere às disciplinas que ministram.

Quanto ao posicionamento dos professores sobre o processo ensino/aprendizagem dos alunos que cursam o terceiro ano Técnico em Agropecuária do Instituto, obtiveram-se apenas 14% das respostas positivas para a pergunta a seguir: “Você sentiu alguma mudança de comportamento dos alunos do 3º ano de Técnico em Agropecuária envolvidos diretamente no Projeto de Equoterapia?” – questão sete. Quanto às respostas negativas, tiveram como justificativa o fato de os professores não lecionarem para os alunos da turma.

Sobre a necessidade de treinamento prévio para trabalhar com as diferenças no Centro de Equoterapia, perguntado na oitava questão, todos os respondentes acreditam que “sim”. Naturalmente, entendem que devem seguir normas preconizadas por órgão como a ANDE Brasil.

A questão seguinte, nona questão, em complemento à anterior, indagou sobre a necessidade de conhecimento básico de equitação, para interação no Centro. Oitenta e quatro por cento dos professores acreditam que sim.

As respostas obtidas nas questões oito e nove deixam claro que a qualificação profissional de pessoas relacionadas com a equideocultura - no caso específico desta pesquisa, os alunos do Curso Técnico em Agropecuária -, participantes do projeto como condutores, são de suma importância, dando, também, respaldo aos objetivos deste trabalho.

A questão dez, que aborda o contato do professor com pessoas com necessidades especiais em seu ciclo de relacionamento, contou com 44% de respostas negativas, sendo que os 56% que responderam afirmativamente são parentes dos praticantes ou profissionais da área da saúde. Dentre as patologias mencionadas estão a Síndrome de Down, TDHA, Visual, Auditiva e Motora.

A décima primeira questão procurou verificar a visão do profissional de educação do Instituto sobre a possibilidade da implantação do Centro de Equoterapia vir a ser um embrião, em futuro curso superior, da área de equideocultura. Oitenta e quatro por cento das respostas foram positivas.

4.4 Dados do questionário destinado aos funcionários do IF Sudeste MG

Da mesma forma como foi efetivado o trabalho com os docentes da instituição, noventa e seis servidores concordaram em colaborar com esta pesquisa, respondendo o questionário composto de dez perguntas (anexo 4), objetivando conhecer suas opiniões sobre o tema, já que, direta ou indiretamente, convivem com os praticantes, seus familiares e as equipes multidisciplinares.

A primeira questão inquiria sobre o conhecimento da equoterapia, sendo que 66,69% dos respondentes disseram que não conhecem, e apenas 32 (33,32%) afirmaram conhecer.

Sobre se já tiveram contato com pessoas com necessidades especiais, 76 respostas (79,2%) foram positivas.

A terceira questão, com quatro itens, procurou saber qual o sentimento dos servidores ao ver os PNEs nas dependências da Instituição. Apenas os itens “C” (novidade) e “D” (satisfação) foram selecionados, sendo que 84% optaram pelo “D”, satisfação. Neste sentido, cabe lembrar os autores O’Brien e O’Brien (1999), que mencionam o trabalho criativo com o estado de elevação da consciência, promovendo a reconsideração dos limites dos relacionamentos, das estruturas e dos benefícios, além da percepção de que o trabalho requer um relacionamento bem mais cooperativo.

Sobre o conhecimento das atividades dispensadas aos PNE no Centro de Equoterapia, 54% afirmaram conhecê-las.

Na quinta pergunta, “qual o principal benefício para a instituição, ao oferecer este serviço para a comunidade?”, a totalidade das respostas aponta para o reconhecimento social, inclusão das pessoas com necessidades especiais. Existe uma opinião, quase geral, sobre o empenho dos governantes em apoiar causas humanitárias, pelo conhecimento e divulgação que se tem sobre as ações, propostas, leis e estatutos.

Perguntados, na sexta questão, de como poderiam contribuir, no setor de trabalho, para a implantação do Centro de Equoterapia, observaram-se respostas como apoio, incentivo, divulgação, doação, participação voluntária e outros. Cinco pessoas (4,8%) não responderam

a questão. O gráfico a seguir mostra os resultados pelo número de respostas e percentual daqueles que não responderam.

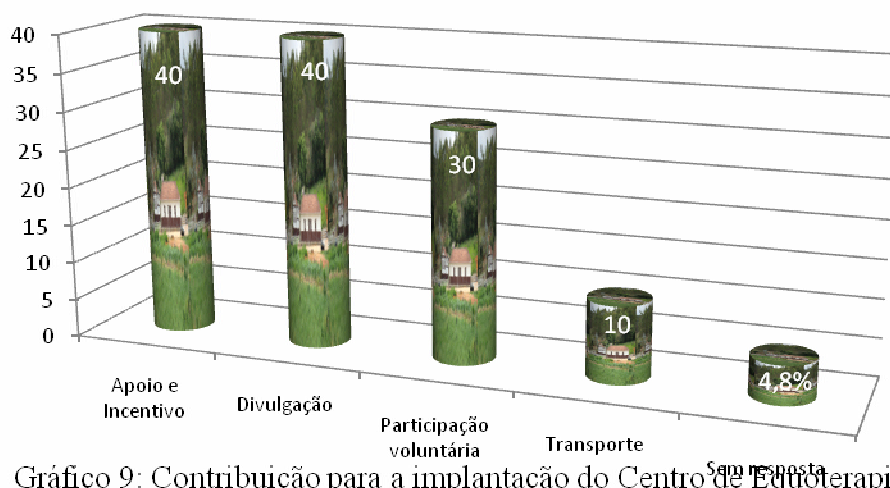


Gráfico 9: Contribuição para a implantação do Centro de Equoterapia

A sétima questão procurou saber dos funcionários se a Instituição, através de programas como a equoterapia, tem responsabilidade com a inclusão social. Todos os respondentes acreditam que ‘sim’.

A oitava questão procurou conhecer, na visão do servidor da Instituição, se o Projeto de Equoterapia faz com que o IF Sudeste MG seja mais conhecido e divulgado regionalmente. Apenas oito formulários foram preenchidos com a resposta ‘não’. Os demais, 84,48%, responderam que sim. As justificativas seguiram o tom da inclusão social, como nas respostas da questão anterior, com ênfase na grandeza do projeto e questões humanitárias.

Perguntados, na nona questão, se conheciam as instalações e as propostas do Projeto de Equoterapia da Instituição, 57,6% das respostas foram positivas. As demais, 42,4%, apesar de negativas, dizem respeito às propostas do Projeto, o que faz sentido se comparar às respostas da primeira questão.

A décima questão procurou saber se ajudariam como voluntários no Projeto. As respostas podem ser vistas no gráfico 10.

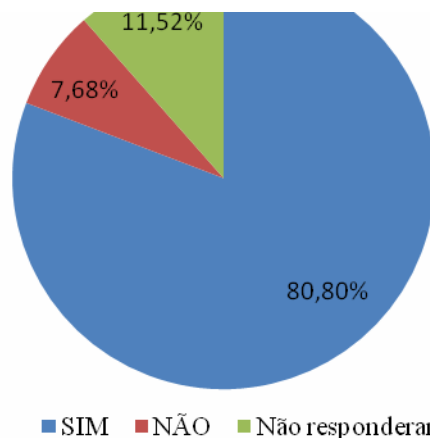


Gráfico 10: Voluntariado para o Projeto de Equoterapia

As respostas positivas sugerem que os servidores do IF Sudeste MG além de apoiarem nossa iniciativa, também se propõem a ajudar como voluntários.

4.5 Correlação do universo pesquisado

As respostas obtidas nos questionários da pesquisa geraram as reflexões trazidas neste trabalho, cujo objeto de estudo, o processo de implantação do Centro Equoterápico e, nesse caso, a escolha dos entrevistados, esteve vinculado à necessidade de compreender o referencial simbólico, os códigos e as práticas do universo específico, que, apesar de não apresentar contornos bem definidos, por serem compostos de níveis e estruturas diferentes, tanto no sentido cultural como sentimental, considerou traçar um esboço da realidade de cada grupo e compará-los.

De acordo com Velho (1986), o risco existe sempre que um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os quais compartilha preocupações, valores, gostos, concepções. No entanto, assinala que, quando se decide tomar sua própria sociedade como objeto de pesquisa, é preciso sempre ter em mente que sua subjetividade precisa ser “incorporada ao processo de conhecimento desencadeado” (p. 16), o que não significa abrir

mão do compromisso com a obtenção de um conhecimento mais ou menos objetivo, mas buscar as formas mais adequadas de lidar com o objeto de pesquisa.

Desta forma, sobre o conhecimento do tema, a equoterapia, verificou-se que todos os grupos têm informações superficiais sobre o tratamento e resultados que podem ser obtidos com a terapia e mostram interesse em ampliar os conhecimentos, podendo-se concluir que a equoterapia é uma atividade emergente e promissora em todo o país, tanto em termos multiprofissionais, quanto terapêuticos. Neste sentido, cabe transcrever a fala e comentários de alguns respondentes, feitas de forma voluntária.

O professor Osvaldo, por exemplo, apesar de se declarar leigo sobre o tratamento, menciona o desenvolvimento de um trabalho de inclusão social de imensurável importância e diz:

“A equoterapia como meio e ferramenta utilizados no tratamento de crianças, adolescentes e adultos, portadores de necessidades especiais, já é uma realidade no nosso Campus. Embora leigo, e não conhecedor dos inúmeros benefícios que essa modalidade de tratamento possa trazer às pessoas que dela utiliza, sinto-me prazeroso e orgulhoso de saber que o nosso IFET de uma forma ou de outra está contribuindo para a melhoria da qualidade de vida de muitas crianças”

O professor Adriano comenta sobre a equoterapia: “deixo para os especialistas a explicação de sua importância e benefícios terapêuticos”. Diz ainda: “Não consigo falar sobre a evolução dos pacientes da equoterapia, mas vejo a alegria de muitas crianças, jovens e adultos que em cima dos animais, cumprimentam-me entusiasmados quando passo”.

Sobre o contato direto com as PNEs, tanto alunos quanto professores e servidores do Instituto, antes da implantação do Centro Equoterápico, mantinham um relacionamento indiferente. Entretanto, após a convivência quase diária com os praticantes, os conceitos relacionados à humanidade evoluíram para uma convivência sem preconceitos. Esta evolução pode ser verificada nos depoimentos e comentários transcritos parcialmente a seguir.

O motorista Geraldo, responsável pelo transporte dos praticantes, do portão principal da Instituição até o Centro de Equoterapia, fala:

“Nas semanas seguintes, meus conceitos foram mudando, percebi que não só era motorista, mas que também era pai, irmão, filho, amigo, cristão, funcionário público, cidadão; na verdade perdi o medo de ajudar e o tempo de embarque ficou mais rápido e agradável de ser feito. Hoje me sinto envolvido, orgulhoso de ter este atendimento aqui em Barbacena e saber que as pessoas têm melhorado bastante com

o tratamento; Deus provou que escreve certo por linhas tortas, antes eu não conhecia e me omitia, e hoje eu conheço e me envolvo de forma natural e agradeço a Deus de não ter nenhuma limitação”.

A aluna Jéssica, do terceiro ano do Curso Técnico, reforçando a importância da convivência, menciona que “no começo, só servia como hora de estágio, mas a partir do momento que, conduzindo um cavalo, eu vi a alegria, a resposta e o sorriso de um praticante conseguindo ultrapassar obstáculos, já me faziam sentir útil e melhor como ser humano”.

O aluno Gabriel, no projeto desde o início, diz que a sua participação é “gratificante demais para o ser humano, pois quando chego aqui triste, sabe, eu viro outra pessoa, e me sinto participante da equipe melhorando a qualidade de vida das pessoas”

Todos os segmentos participantes da pesquisa não tinham experimentado o conceito de inclusão na prática, e a partir do trabalho no Centro de Equoterapia os paradigmas são quebrados, preparando a Instituição e seus segmentos educativos para a inclusão plena, que é um direito de todos. Conforme palavras do Professor Wellington,

“Vejo diariamente pessoas determinadas, que em conjunto reúnem forças para transformar preconceitos e a dura realidade exclusiva de nossa sociedade. Um ambiente de relacionamento entre seres humanos, animais, plantas. Uma especial integração homem/cavalo com o poder transformador.”

As respostas obtidas nos questionários, com relação à inclusão, mostraram a necessidade da preparação, o mais breve possível, da Instituição para o recebimento de alunos com necessidades especiais em seu quadro regular. Mostraram ainda que a equoterapia tem proporcionado uma preparação real para essa clientela.

Com relação à infraestrutura do Centro Equoterápico, todos os segmentos trabalhados estão de acordo com a grandeza do empreendimento, tanto nos aspectos relacionados ao espaço físico quanto ao administrativo. Ou seja, o local mostra-se bastante aconchegante quanto à fauna e flora, em um misto de bosques e jardins que rodeiam a área, típicos da Mata Atlântica, que são utilizados, inclusive, de forma transdisciplinar, para as grades curriculares do IF Sudeste MG. No segmento administrativo, desde os serviços de manutenção ao atendimento profissional, conta-se com uma equipe multidisciplinar de alto nível e reconhecida nas respostas obtidas nos questionários aplicados.

O professor Osvaldo vê nesta atividade a verdadeira missão do IF, beneficiando a sociedade e trazendo esperança para as pessoas com necessidades especiais e seus familiares.

A aluna Leidiane vê a oportunidade de crescimento de projetos ligados à área equestre e deseja que apareçam na Instituição projetos semelhantes.

O que pôde ser observado nas respostas obtidas dos questionários, com relação à visibilidade da Instituição com a implantação do Centro Equoterápico, foi unânime em todos os sentidos pesquisados. Desta forma, segundo o professor Dr. Pedro, para a comunidade é de indelével importância terapêutica aos muito que têm sido assistidos, acolhendo carinhosamente, no sentido mais emocional, os familiares, pais e ou responsáveis, cujas esperanças são fertilizadas a cada progresso de seus queridos entes, ou mesmo pela constatação de bem-estar estampada no sorriso e gestos de contentamento externados por todos durante o contato com os animais, os nossos valorosos e por nós muito estimados e respeitados, os equídeos.

Quanto aos resultados terapêuticos da equoterapia, empiricamente, todos os segmentos concordam com a eficiência do método. Entretanto, de acordo com as respostas obtidas, ainda não haviam sido presenciados, na prática, tais benefícios. Assim, cabe mencionar alguns dos depoimentos relacionados aos segmentos envolvidos, como, por exemplo, o da Senhora Nildete, mãe do praticante H, de 22 anos de idade, portador de paralisia cerebral e praticante há dez meses, que comenta:

“Desde quando meu filho começou a praticar a equoterapia que venho acompanhando o seu desenvolvimento e tenho observado grandes avanços quanto ao equilíbrio, coordenação e socialização. A satisfação que ele tem demonstrado durante o atendimento é muito boa e H está menos ansioso e mais comunicativo. Acho que mesmo se ele não tivesse tido avanços nenhum, só a felicidade dele, já valia à pena”.

4.5.1 Sugestões para ampliação da equoterapia nas demais Instituições

Pesquisas revelam que 14,5% da população brasileira são pessoas com necessidades especiais⁴. Não é em vão que as secretarias do MEC criaram o Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), também responsável pela disponibilização de

⁴ É importante salientar que este percentual, 14,5%, refere-se ao total das deficiências, apresentado pelo IBGE. (< [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>).

recursos financiadores mediante apresentação de projetos confiáveis.

Os Institutos Federais de Ensino Tecnológico (IFET) vocacionados em agropecuária estão incumbidos de funções educativas, extensionistas, sociais, humanitárias, entre outras. O compromisso institucional com o agronegócio, a valorização do homem, a formação moral e profissional do cidadão, são aspectos compatíveis às atividades equoterapêuticas, que preenchem expectativas do instituto.

Entre as principais finalidades dos Centros de Equoterapia estão:

- Promover a inserção da equoterapia e da equitação como disciplinas curriculares em instituições de ensino (níveis médio e superior);
- Utilizar a equitação de forma didático-pedagógica na educação e formação do caráter dos jovens;
- Inclusão social de pessoas portadoras de deficiência e/ou com necessidades especiais;
- Capacitar recursos humanos nas áreas de zootecnia, veterinária, técnicos agrícolas e correlatas;
- Utilizar competições esportivas como complemento terapêutico, lúdico e educativo;
- Estimular práticas saudáveis e incentivar novos valores.

Na operacionalização dos Centros de Equoterapia é indispensável o envolvimento de equipe multidisciplinar composta de profissionais de áreas diversas (saúde, educação, meio equestre). Fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, pedagogos, equitadores, cavaleiros, constituem a rede de agentes inseridos na realização do trabalho.

A gama de serviços incluídos pode ser visualizada com a projeção das imagens que retratam o empreendimento. Cuidados dispensados aos animais (alimentação, higiene, manejo, treinamento), equipamentos e acessórios, implantação e manutenção da infraestrutura, logística funcional, sessões terapêuticas, aulas de equitação, assistência pessoal, entre outros, sugerem mobilização de contingente considerável de servidores.

A interação com famílias de praticantes, o oferecimento de vagas para estagiários de cursos de graduação, as parcerias com instituições afins (APAE e Escolas de Educação Inclusiva), o recrutamento de professores ligados às áreas de interesse, a possibilidade de

incrementação das aulas ministradas aos alunos, são exemplos dos benefícios expandidos à comunidade interna e externa.

Portanto, desde que haja diretoria sensível ao projeto, interesse da comunidade, equipe de trabalho qualificada, aquisição de parceiros compatíveis e vontade executiva, não há dúvidas quanto à viabilidade de implantação dos CE nos IFET, afirmação respaldada pelos inumeráveis modos de cumprimento das funções institucionais, atendimento aos interesses sociais e contribuições para aperfeiçoamento do ser humano e da equinocultura.

Assim, espera-se que todos reunidos na implantação deste magnífico trabalho continuem esta importante jornada de integração, e que para vencer as dificuldades encontradas utilizem, de acordo com a necessidade, da força de um Bretão, da velocidade de um Puro Sangue Inglês e do conforto de um Mangalarga Marchador.

5 CONCLUSÃO

Após os primeiros meses de efetivo funcionamento do Centro de Equoterapia do IF Sudeste MG – Campos Barbacena, MG, as hipóteses iniciais desta pesquisa puderam ser confirmadas no que se refere à qualificação dos alunos do Curso Técnico Agropecuário, que passam a ter conhecimentos básicos de equoterapia e, portanto, aumentam seu campo de atuação profissional.

Quanto ao acolhimento dos praticantes de equoterapia, visando à inclusão, tanto social como terapêutica, a Instituição passou a oferecer o serviço, não somente ao público local, mas também ao regional.

Com a nova filosofia de pesquisa implantada no IF Sudeste MG, o Centro tem proporcionado espaço para o trabalho de pesquisa das áreas de saúde e educação. Desta forma, houve um ganho para as universidades da região, no que tange às oportunidades para capacitação profissional, incluindo estágios para os estudantes da área de saúde, como fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, educação física, enfermagem, nutrição e outras. Na área de educação, as sessões são acompanhadas por profissionais e estagiários de pedagogia.

Em termos de extensão universitária, o trabalho desenvolvido no IF Sudeste MG – Campus Barbacena foi divulgado para toda a rede de educação tecnológica, como atividade viável neste segmento de educação.

Ao final deste trabalho de pesquisa, podemos concluir que a tríade pesquisa/ensino/extensão foi plenamente atendida. É, portanto, sendo possível e viável a implantação de centros equoterápicos em toda a rede de ensino agropecuário, demonstrado através da literatura pesquisada, bem como pelas experiências vivenciadas ao longo destes dois anos de pesquisa.

6 REFERÊNCIAS

ABENHAIM, E. Os caminhos da inclusão: breve histórico. In: MACHADO, A. M. *et al.*. (Org). *Psicologia e Direitos Humanos: Educação Inclusiva, direitos humanos na escola*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ANDE-BRASIL. Associação Nacional de Equoterapia. *Regulamento*. Brasília, DF. 1998.

ANTUNES, Ângela; PADILHA, Paulo Roberto. O Eu e o outro compartilhando diferenças, construindo identidades. **V Seminário Nacional de Educação “Utopias Humanas”**: sonhos! Liberdade, inclusão e emancipação. Por que não? Caxias-RS., maio. 2004.

ARANHA, Maria Salete Fábio. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, Ano XI, n. 21, março, 2001, pp. 160-173.

BACALHAO, Max Bruno Magno. *Avaliação enzimática muscular em Equinos (Equus caballus, Linnaeus, 1758) em treinamento para vaquejada, sob repouso e pós-atividade física*. 79f, Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Centro de Saúde e Tecnologia Rural. Universidade Federal de Campina Grande. Patos – PB: CSTR/UFCG, 2008.

BAPTISTA, Claudio & BOSA, Cleonice e cols. *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

BARBOSA, Altemir José Gonçalves e MOREIRA, Priscila de Souza. Deficiência mental e inclusão escolar: produção científica em Educação e Psicologia. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2009, vol.15, n.2, pp. 337-352.

BARBOSA, A. J. G.; RESGALA, G. S.; MOREIRA, P. S. Formação de professores para a educação inclusiva: análise dos artigos indexados na base de dados ERIC. In: ENCONTRO DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA AMÉRICA LATINA E CARIBE, 1, 2006. Juiz de Fora, MG. Anais. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006. 1 CD-ROM.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. 9.ed. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2003 . Reimpres. 2008.

BRANDÃO, C. Rodrigues. *A canção das sete cores: educando para a paz*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. Decreto no. 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Educação Profissional: Legislação básica*. 2. ed. Brasília, DF: PROEP, 1998.

BRASIL. MEC. *Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico*. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plano de Desenvolvimento Institucional 2009 a 2013*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. Junho, 2009.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. *Metodologia científica*. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CEZARIM, S. Etologia. In: ANDE-BRASIL. *Curso de Equitação para Equoterapia*. Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão – COEPE, Brasília, DF. 2007.

CHIARAMONTE, L.C.M. *Levantamento das condições de trabalho em um serviço de Equoterapia segundo a visão macro ergonômica*. 58f. Dissertação (Mestrado em Engenharia, modalidade profissionalizante, ênfase em Ergonomia) Escola de Engenharia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. *Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalos no Brasil* / Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da ESALQ. – Brasília: CNA; MAPA, 2006.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* – versão 5.0. 3.ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FERRUCCI, Ana C. *A equinocultura nas relações internacionais*. 55.f. Monografia (Graduação em Relações Internacionais) Faculdade de Relações Internacionais. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas. São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31º ed., Paz e Terra. São Paulo. 2005.

GIORDANO, B. Warzée. *(D)eficiência e trabalho: analisando suas representações*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

HADDAD, Cláudio Maluf. et al. O projeto de Equoterapia da ESALQ. *Revista de Cultura e Extensão*. Escola de Agricultura Luiz de Queiroz. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

HORNE, A. R. C.; CIRILLO, L. C. Histórico da Equoterapia no Mundo. In: ANDE-BRASIL. *Curso de Equitação para Equoterapia*. Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão – COEPE, Brasília, DF. 2007.

JODELET, D. Representações sociais um domínio em expansão. In: *As Representações Sociais*. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001. p. 17 -44.

LE BOTERF, Guy. *Desenvolvendo a competência dos profissionais*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEONARDO, N.S.T.; BRAY, C.T.; ROSSATO, S.P.M. Inclusão Escolar: Um Estudo acerca da Implantação da Proposta em Escolas de Ensino Básico. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.15, n.2, p.289-306, Mai.-Ago., 2009

LIMA, R.A.S.; SHIROTA, R.; BARROS G.S.C. Estudo do Complexo do Agronegócio Cavalos. **Relatório Final**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. CEPEA/ESALQ/USP. Piracicaba, SP. 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MARQUEZAN, Reinoldo. O discurso da legislação sobre o sujeito deficiente. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2008, vol.14, n.3, pp. 463-478.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. *Educação inclusiva? Desafios para a escola*. Trabalho apresentado VIII EPECO: Complexidade: a escola e o ensinar e o aprender. VIII EPECO, Cuiabá, Junho 2006.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para Elaboração de Monografias*. São Paulo: Atlas, 1992

MEDEIROS, Milena; DIAS, E. *Equoterapia: bases e fundamentos*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

MINAYO, Maria Cecília. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: JOVCHELOVITCH, Sandra, GUARESCHI, Pedrinho (Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MITTLER, Peter. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Trad. Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3.ed. trad. Pedrinho A. Guareschi . Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 p.

NOGUERÓL, L.P.F. Elementos da escravidão no Rio Grande do Sul: a lida com o gado e o “seguro” contra a fuga na fronteira com o Uruguai. *Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia*. ANPEC. Niterói, RJ. 2007.

O'BRIEN, J.; O'BRIEN, C.L. A Inclusão como uma Força para a Renovação da Escola. In: STAINBACK, S.; STAINBACK, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999. Reimp. 2007.

OLIVEIRA, I.B. Aprendizagens culturais cotidianas, cidadania e educação. In: OLIVEIRA, I.B.; SGARBI, P. (Org.). *Redes culturais, diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 37-56.

PAVANI, Paulo Orlando de Castro. *A inclusão dos princípios fundamentais do empreendedorismo empresarial no Curso Técnico em Agroindústria da Escola Agrotécnica Federal de Barbacena-MG*. 2006. 56 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2006.

PEREZ, Maria Alice Rosmaninho. *Educação especial em tempos de inclusão: política educacional e laços sociais*. 166f. Tese (Doutorado. Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1999. Reimpres. 2007.

PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.1982

RAMOS, Marise Nogueira. A Educação Profissional pela Pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 401-422

RAZZOLINI FILHO, E. Transporte e modais: com suporte de TI e SI. 2 ed. Curitiba: Ibpx, 2009. 383p.

SACRISTÁN, J.G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, Francisco. *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Trad. Ernani Rosa. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. (Reimpressão 2008).

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 37 jan./abr. 2008

SANTOS, Boaventura de Sousa (orgs.). *As Vozes do Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009.

SIMEQUI – *Simpósio Mineiro de Equinocultura*. Núcleo de Estudos em Equinocultura. Universidade Federal de Lavras - Departamento de Zootecnia; CEP 37200-000 - Lavras/ MG. Fevereiro/2007. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/cavalo2.htm>> Acesso em: 15/05/2010.

SISTO, F. F. *Aprendizagem e mudanças cognitivas em crianças*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SPINK, M.J. (ORG). *O Conhecimento no Cotidiano: As Representações Sociais na perspectiva da psicologia social*. Brasiliense: São Paulo, 1993.

THIOLLENT, M. *Metodologia de Pesquisa-ação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VELHO, G. *Subjetividade e Sociedade: Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VIGOTSKI, L.S. *Obras Escogidas V: Fundamentos de defectología*. Madrid: Visor Distribuciones, 1997.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [org. COLE, M. et al.. - textos originais de diferentes datas].

VYGOTSKY, L. S., *A Formação Social da Mente*. São Paulo. Martins Fontes. 1991.

VYGOTSKY, LURIA e LEONTICE. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Icone, 1991.

WELLER, M.J. *Equitação e Volteio com crianças carentes: uma proposta educacional*. 115f. [Dissertação] Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 1998.

WICKERT, Hugo. O cavalo como instrumento cinesioterapêutico. *Revista Equoterapia*, Brasília, [S.l.], n.3. p. 3-7, dez.1999.

YOUNG, Lúcia H. Brisk. Aprendiz: Base legal. *Revista Jus Vigiantibus*. Maio de 2006.

ANEXOS

ANEXO 1
QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA SUDESTE DE MINAS - CAMPUS BARBACENA.

Agradecemos sua colaboração no sentido de responder ao questionário abaixo, que irá contribuir para a consolidação do Projeto de Equoterapia no Instituto Federal.

- 01) Você possui algum conhecimento sobre equoterapia?
☐ sim
☐ não
- 02) Você gostaria obter informações detalhadas sobre a equoterapia?
☐ sim
☐ não
- 03) O Centro de Equoterapia é um atrativo adicional para sua permanência como aluno no IF Sudeste MG - Campus Barbacena?
☐ sim
☐ não
Se afirmativo, justifique. _____
- 04) Você teria interesse em estagiar no Centro de Equoterapia deste Instituto Federal?
☐ sim
☐ não
Se afirmativo, justifique. _____
- 05) Você gostaria que o Instituto Federal ofertasse curso superior na área de equideocultura?
☐ sim
☐ não
Se afirmativo, justifique. _____
- 06) Qual o principal benefício para Instituição ao oferecer este serviço para a comunidade?

- 07) Você conhece as instalações e as propostas do Projeto de Equoterapia desta Instituição?
☐ sim
☐ não
- 08) Você acha que a Instituto Federal tem responsabilidade com a inclusão social através de programas como este de equoterapia?
☐ sim
☐ não
Se afirmativo, justifique. _____

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS DOS PRATICANTES DE EQUOTERAPIA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA SUDESTE DE MINAS - CAMPUS BARBACENA.

1) Qual sua percepção sobre a evolução de seu filho frente à equoterapia?

() Ótima () Boa () Regular () sem alterações

2) Sobre o local da prática da equoterapia, qual a sua opinião?

() Agradável () Confortável () Precisa melhorar

3) Como você classifica a equipe multidisciplinar com relação aos cuidados com os praticantes?

() Ótimo () Bom () Regular

Sugestões_____

4) Você conhecia as dependências do Instituto Federal de Educação Tecnológica Sudeste de Minas - Campus Barbacena, antes de usufruir dos serviços de equoterapia?

() Sim () Não

5) Qual sua opinião sobre a convivência dos praticantes com os alunos da Instituição?

() Ótimo () Bom () Regular

Sugestões_____

6) Classifique o atendimento dos funcionários da Instituição com os praticantes e familiares:

() Ótimo () Bom () Regular () Poderia melhorar

7) Quando das primeiras sessões de equoterapia, você se sentiu inseguro(a) ao ver seu dependente cavalgando?

() Sim () Não

Justifique?_____

8) Como você obteve informações sobre a equoterapia?

- ☐ Profissionais da área de saúde. Qual? _____
- ☐ Profissionais da área de Educação
- ☐ Livros, Jornais, Revistas, Artigos Científicos, Internet, Rádio e Televisão
- ☐ Palestras e Seminários

9) Como ficou sabendo da prática da equoterapia no Instituto Federal de Barbacena?

- ☐ Por indicação dos profissionais de Saúde
- ☐ Por indicação dos profissionais da área de Educação
- ☐ Conversa com amigos e conhecidos
- ☐ Divulgação interna do Instituto Federal de Barbacena
- ☐ Por meio de reportagens no Rádio e Televisão

10) Você indicaria a prática de equoterapia para outras pessoas de seu convívio social com necessidades especiais?

- ☐ Sim ☐ Não

11) Qual o seu parentesco com o praticante de equoterapia?

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA SUDESTE DE MINAS - CAMPUS BARBACENA.

Agradecemos sua colaboração no sentido de responder ao questionário abaixo, que irá contribuir para a consolidação do Projeto de Equoterapia na EAFB.

- 1) Você sabe do que se trata a equoterapia?
() Sim
() Não
- 2) Você acredita que a implantação da equoterapia é proposta viável para EAF Barbacena? Justifique.

- 3) Qual a importância, na sua concepção, do Centro de Equoterapia para os alunos da EAF Barbacena?

- 4) O espaço físico ocupado pelo Centro de Equoterapia, no seu entender é:
a) Ideal – lugar certo
b) Poderia ser em outro local
c) Atrapalhou outros projetos
Justifique:_____
- 5) Sua disciplina poderia ser utilizada no Centro de Equoterapia?
()sim
() não
Em caso afirmativo, como?_____
- 6) Você colaboraria no Centro de Equoterapia em algumas etapas de seu funcionamento?
() sim
() não
Em caso afirmativo, de que forma?_____

- 7) Você sentiu alguma mudança de comportamento dos alunos do 3º ano de Técnico em Agropecuária envolvidos diretamente no Projeto de Equoterapia?
() sim
() não
- 8) Você acha necessário um treinamento prévio para trabalhar com as diferenças no Centro de Equoterapia?
() sim
() não
- 9) Você acha necessário conhecimento básico de equitação para interagir no Centro de Equoterapia?
() sim
() não
- 10) No seu ciclo de relacionado, você tem contato com portadores de necessidades especiais?
(sim)
(não)
Caso afirmativo, qual?_____
- 11) Você acha que a implantação do Centro de Equoterapia pode ser um embrião para um futuro curso superior na área de equideocultura?
() sim
() não

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SERVIDORES DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA SUDESTE DE MINAS - CAMPUS BARBACENA.

Agradecemos sua colaboração no sentido de responder ao questionário abaixo, que irá contribuir para a consolidação do Projeto de Equoterapia na EAFB.

- 01) Você possui algum conhecimento sobre equoterapia?
☐ sim
☐ não
- 02) Você já teve algum contato com PNE?
☐ sim
☐ não
- 03) Como você se sente vendo dentro das dependências físicas da EAFB pessoas PNE?
☐ susto
☐ indiferença
☐ novidade
☐ satisfação
- 04) Você conhece as atividades dispensadas aos PNE no Centro de Equoterapia?
☐ sim
☐ não
- 05) Qual o principal benefício para Instituição ao oferecer este serviço para a comunidade?

- 06) No seu setor de trabalho, como você poderia contribuir para a implantação do Centro de Equoterapia?

- 07) Você acha que a EAF Barbacena tem responsabilidade com a inclusão social através de programas como este de equoterapia?
☐ sim
☐ não

Se afirmativo, justifique. _____

- 08) O Projeto de Equoterapia dá visibilidade regional a nossa instituição?
☐ sim
☐ não

Se afirmativo, justifique. _____

- 09) Você conhece as instalações e as propostas do Projeto de Equoterapia desta Instituição?
- ☐ sim
 - ☐ não
- 10) Você se habilitaria como voluntário neste Projeto de Equoterapia?
- ☐ sim
 - ☐ não

ANEXO 5

Depoimento sobre equoterapia no IFET-Barbacena

No dia 5 de novembro de 1998, o setor de atividades equestres, sediado no Núcleo de Zootecnia da então Escola Agrotécnica Federal de Barbacena (EAFB), recebeu a fisioterapeuta barbacenense Rosane Miranda. A visita foi motivada por seu interesse em dedicar-se profissionalmente à equoterapia. Apesar das pretensões, dificuldades foram reveladas: inexperiência com cavalos e desconhecimento da equitação. Após devidos esclarecimentos, ela prontificou-se como aluna e recebeu aulas durante dois meses antes de realizarmos, no dia 17 de janeiro de 1999, teste pioneiro de atividade equoterapêutica em Barbacena. O garoto Lucas, portador de paralisia cerebral, foi conduzido em cima de um cavalo à prática de exercícios convenientes ao tratamento. Durante quase um ano tivemos a grata satisfação de testemunhar os benefícios da equoterapia em distintos casos de portadores de necessidades especiais. Desafortunadamente, entraves administrativos impediram o desenvolvimento da atividade dentro da instituição.

Graças aos incansáveis empenhos do professor Jorge Luís Baumgratz, uma década mais tarde a equoterapia foi reintroduzida no setor de equinocultura do atual IFET-Barbacena. Porém, desta feita, como empreendimento timbrado pelo nível diferenciado das ações. Capacitação dos profissionais atuantes nos vários segmentos da atividade, implantação de infraestrutura apropriada ao trabalho, e iniciativas voltadas para mobilização de atenções da comunidade e público-alvo, demonstram a seriedade das intenções e o compromisso em estabelecer autossustentabilidade ética e operacional.

Os resultados decorrentes não serão apenas relacionados ao cumprimento das funções da instituição; eles se estenderão além para atender demandas sociais da comunidade. Ainda há muito a ser feito para consolidação do projeto em todos os aspectos que o constituem, todavia, é possível confirmar os méritos de seu idealizador e os contínuos progressos sempre obtidos.

O apoio dos órgãos competentes e a boa vontade de gestores administrativos são alavancas potentes capazes de promover impulsos e assegurar trabalhos dirigidos ao bem comum. Certamente o Prof. Jorge L. Baumgratz será agraciado com as atenções necessárias ao desenvolvimento da equoterapia no IFET-Barbacena e seus congêneres.

Como hipólogo e instrutor de equitação, reconheço as relações homem/cavalo como escola de polimento moral e tenho convicção de que os empreendimentos de natureza equestre podem ser bem empregados pelas instituições de ensino. Utilizá-los como ferramenta didática e terapêutica são apenas duas entre suas várias aplicações.

Paulo Guilhaon

Hipólogo, autor dos livros “Doma Racional Interativa”, “Educação Profissional de Cavalariços”, “Ndzinji – A Escola Chamada Cavalo”, “Escola Preparatória para Cavalariços”.